



Notícias

Órgão da Associação Brasileira de Psicanálise

Ano IX N°26 Rio de Janeiro Junho/2005

carta do editor

Adalberto A. Goulart

Às vezes nos surpreendemos com mudanças. Estamos em constante transformação e conseqüentemente o mundo em que vivemos. Sempre foi assim, sempre será. Será? Evidentemente isso depende dos nossos referenciais. Existem aqueles que acreditam que não há transformação alguma, tudo se repete indefinidamente. Outros não pensam assim, ao menos de forma absoluta. Algumas coisas se repetem compulsivamente, outras se transformam, se modificam, evoluem. A natureza nos ensina. Existem os que aprendem e os que não.

E assim a cada dia, a cada momento, vivido ou revivido.

Algumas dessas transformações apontam para o futuro com generosidade. O estudo do genoma humano, com a possibilidade de tornar evitável sofrimentos antes inevitáveis; as pesquisas com células-tronco e a expectativa, concreta, de reparação de tecidos e órgãos danificados, devolvendo a capacidade e a dignidade para os que sofrem com limitações físicas; as magníficas drogas, cada vez mais modernas e específicas, a auxiliar para uma melhor qualidade de vida; técnicas de diagnóstico mais precoces e precisas, favorecendo a recuperação mais breve; a extraordinária evolução da tecnologia de comunicação, hoje praticamente instantânea, a aproximar povos, países, culturas.

Já outras dessas transformações nos fazem sentir como se estivéssemos na idade das trevas. Guerras injustificáveis (se é que alguma se justifica); chacinas de inocentes por pura atuação psicopática; poderosos a nos pilhar a esperança e nos devolver o medo; intolerância religiosa (*habemus*); discriminação racial, social, sexual; o anti-semitismo a nos envergonhar com seus fantasmas e a nos alertar para o pesadelo sempre presente.

Recentemente em uma mesa-redonda tive a oportunidade de dizer para uma platéia de interessados, que parece que nós, psicanalistas, estamos na contramão da história. Propomo-nos a ajudar pessoas a sentirem e sofrerem suas dores, viverem seus lutos. Significar, ressignificar, construir, reconstruir. Resgatar a alma. É no que acreditamos. Somos assim. Paciência...

No momento em que nos preparamos para o grande encontro internacional que será o 44º. Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, o primeiro a se realizar no Brasil (Rio de Janeiro, 28 a 31 de julho), sofremos a nossa dor, lamentamos profundamente sua ausência, vivenciamos mais um luto. A comunidade psicanalítica perdeu recentemente Maria de San Tiago Dantas Quental. A Rio III perdeu uma de suas fundadoras. A ABP perdeu sua Superintendente. O Congresso perdeu uma de suas organizadoras. Perdemos uma companheira, justamente homenageada por Eliana Helsinger (SPRJ) nas páginas que se seguem. Momento ímpar de produção científica, intercâmbio de experiências, encontros profissionais e afetivos com analistas de todo o mundo, nosso congresso, então, será também uma homenagem à presença de nossa colega ausente. Sobre o 44º. IPAC, escreve também, nas próximas páginas, com a maior propriedade, o Presidente Eleito da IPA, Cláudio Eizirik (SPPA).

No Perfil desta edição, Leila Tannous (GESP-MS) nos conta sobre a sua experiência em Campo Grande. Duas entrevistas: Cláudio Rossi (SBPSP), Diretor do Conselho Científico da ABP, nos apresenta o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise (Brasília, 11 a 14 de novembro) e Valton Leitão (NPF) nos conta sobre a Coleção Memória do Saber, uma iniciativa do CNPq. Alirio Dantas Jr. (SPR), com sensibilidade e saudade escreve sobre Doação de Órgãos. Lúcia Grigoletti (SPPel) traz o olhar de Mahler sobre O Processo de Aculuturação. Cátia Olivier Mello (SPPA) e Ruggero Levy (SPPA) estão presentes com o tema Violência e Trauma, dos mais atuais. Marisilda Nascimento (NPA), com criatividade, resenha o livro A Arte de Viajar, de Alain de Botton. Completam a edição a Agenda Científica e as Notícias & Programação das federadas.

Tenha uma ótima leitura e até julho, no Rio!



O Rio de Janeiro será a sede do primeiro congresso da IPA a realizar-se no Brasil

Rio de Janeiro sedia 44º congresso da IPA

Com o tema "Trauma: Novos Desenvolvidos em Psicanálise", a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) realizará pela primeira vez no Brasil o seu 44º Congresso. A escolha da cidade do Rio reflete, na verdade, o crescimento qualitativo e quantitativo da comunidade psicanalítica no país. Já são quase dois mil inscritos para participar das atividades promovidas no encontro que acontecerá em Copacabana. O presidente eleito da IPA e membro efetivo da SPPA, Cláudio Laks Eizirik, fala sobre os desafios da psicanálise e os preparativos para o evento. (Pág. 15)

Entrevista: Valton de Miranda Leitão e o resgate do saber brasileiro

Um dos responsáveis pelo projeto que pretende valorizar o conhecimento científico de pensadores brasileiros – "Memória do Saber" -, Valton de Miranda Leitão é um ardoroso defensor da construção da memória daquilo "que efetivamente existe sepultado nos estratos arqueológicos do saber brasileiro". Mais de 500 intelectuais e cientistas do mais alto nível enviaram projetos e sugestões. Em entrevista ao ABP Notícias, Leitão, que é candidato em formação pelo Núcleo Psicanalítico de Fortaleza resalta a importância do projeto que conta com o apoio dos ministérios da Ciência e Tecnologia e da Cultura. (Pág. 7)

Violência e trauma em debate

Se a histeria foi a doença da época nos tempos de Freud, o trauma causado pela violência dos dias atuais é o mal que atinge a humanidade. No Simpósio Violência e Trauma, realizado nos dias 18 e 19 de março último na sede da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), um dos convidados, o filósofo e cientista político Sergio Paulo Rouanet, destacou o chamado "retorno ao fundamentalismo", provocado entre outros fatores pela modernização que "arrancou" milhões de seres humanos de suas culturas tradicionais. (Pág. 9)

A psicanálise e o poder no XX Congresso Brasileiro

As relações com o poder são o objeto da entrevista com o psicanalista Claudio Rossi, da SBPSP. A diferença entre poder e autoridade, entre homens e mulheres no exercício do poder e outros conflitos nos planos afetivos e profissionais serão também objeto de debate no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, que será realizado em Brasília, de 11 a 14 de novembro. Rossi explica como a psicanálise pode ajudar no autoconhecimento, evitando corrupções, autoritarismo e arrogância. (Pág. 5)

Perfil: Leila Tannous

Leila Tannous é presidente reeleita do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Mato Grosso do Sul (GESP-MS). Fez parte da primeira turma que se formou no estado e à frente do GESP obteve conquistas e avanços, que, para ela, significam uma formação de identidade e a difusão do pensamento psicanalítico "vencendo barreiras e compromissos". (Pág. 3)

Apoio:



Casa do Psicólogo®

Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.
Rua Mourato Coelho, 1059 — Vila Madalena — CEP 05417-011 — São Paulo/SP — Brasil — Fone: (11) 3034.3600 — Site: www.casadopsicologo.com.br

Conselho Diretor**Presidente** – Carlos Gari Faria**Secretário** – Pedro Gomes**Tesoureiro** – Regina Lúcia Braga Mota**Diretor do Conselho Científico** – Cláudio Rossi**Diretor do Conselho Profissional** – Mário Lúcio Alves Baptista**Diretor do Deptº de Publicações e Divulgação** – Adalberto Antônio Goulart**Diretor da Comissão de Relações Exteriores** – Maria Eliana Mello Helsinger**Diretor Superintendente** – Maria de San Tiago Dantas Quental**Secretária Administrativa** – Lúcia Lustosa Boggiss**Deptº. de Publicações e Divulgação****Editor da Revista Brasileira de Psicanálise** Leopold Nosek**Editora Associada**

Maria Aparecida Quesado Nicoletti

Delegados

Márcio de Freitas Giovannetti

Ana Maria Andrade de Azevedo

Vera Márcia Ramos

Carlos Roberto Saba

Wilson Amendoeira

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Raul Hartke

Jair Rodrigues Escobar

Telma Gomes de Barros Cavalcanti

Humberto Vicente de Araújo

Bruno Salésio da Silva Francisco

José Francisco Rotta Pereira

Newton M. Aronis

Leonardo A. Francischelli

José Cesário Francisco Júnior

Pedro Paulo de Azevedo Ortolan

Regina Lúcia Braga Mota

Sylvain Nahum Levy

Leila Tannous Guimarães

Miriam Cátia Codorniz

Neilton Dias da Silva

Cláudio Tavares Cals de Oliveira

Sheiva Campos Nunes Rocha

Sergio Antonio Cyrino da Costa

Conselho Científico

Ana Rita Nuti Pontes

Áurea Maria Lowenkron

Fernando Linei Kunzler

Hemerson Ari Mendes

José Otávio Fagundes

Magda Sousa Passos

Márcia Câmara

Maria Aparecida Duarte Barbosa

Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório

Ruggero Levy

Sérgio Cyrino da Costa

Waldemar Zusman

Conselho Profissional

Alfredo Menotti Colucci

Letícia Tavares Neves

Jair Rodrigues Escobar

Eduardo Afonso Júnior

José Luiz Meurer

Sylvain Nahum Levy

José Alberto Florenzano

Jacques Zimmermann

Leila Tannous Guimarães

Vera Lúcia Costa de Paula Antunes

Comissão de Psicanálise e Cultura
Leopold Nosek (Coordenador)**Comissão de Psicanálise da Criança e do Adolescente**

Rute Stein Maltz (Coordenadora)

Comissão de Psicanálise e Pesquisa
Theodor Lowenkron (Coordenador)**Comissão de Psicanálise e a Universidade**
Sérgio de Freitas Cunha (Coordenador)**Comissão de Documentação, Comunicação e Internet**

Rosa Maria Carvalho Reis (Coordenadora)

Comissão de Ligação com Entidades Médicas

Jair Rodrigues Escobar (Coordenador)

Comissão de Ligação com a Psicologia
Inúbia Duarte (Coordenadora)**Comissão de Difusão da Psicanálise**
Maria Olympia França (Coordenadora)**Comissão de Estudos sobre Formação Psicanalítica**

Suad Haddad de Andrade (Coordenadora)

Comissão de Núcleos filiados à ABP

Regiões: Norte, Nordeste e Sudeste até Rio de Janeiro

José Fernando de Santana Barros (Coordenador)

Regiões: Sudeste a partir de São Paulo, Sul e Centro Oeste

Romualdo Romanowski (Coordenador)

Edição

JLS Comunicação & Associados

Editores:

José Luiz Sombra

Paula Fiorito

Redatora:

Adriana Vallim

Repórter:

Raphael Zarko

Editoração:

Renata Vieira Nunes

Fotolito e Impressão:

Casa do Psicólogo (11) 3034 3600

Endereço: Av. N.Sª. de Copacabana, 540/704

Cep: 22020-000 Rio de Janeiro

Tel/Fax: (21) 2235 5922

e-mail: abp@rionet.com.br

Home page: www.abp.org.br

Coluna do presidente



Carlos Gari Faria

Palavras do Presidente

Estamos a dois meses da realização do 44º Congresso Internacional de Psicanálise, o Congresso do Rio, primeiro a ser realizado no Brasil e a seis meses do XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, o Congresso de Brasília, primeiro Brasileiro a se realizar na capital Federal. Este ano, no Brasil, é portanto, o ano de dois Congressos de Psicanálise.

O número significativo de inscrições para o Congresso Internacional permite antecipar o sucesso de sua realização com uma participação mais numerosa do que a dos três últimos congressos realizados pela IPA: o de Santiago, o de Nice e o de New Orleans.

Para o Congresso de Brasília, estima-se também uma participação significativa em qualidade e quantidade de presenças o que se pode antever pelo número de confirmações já recebidas, que já chega a 90%, para a composição de mesas redondas, reflexões psicanalíticas, cursos e temas livres.

A configuração do congresso de Brasília repetirá o modelo de Recife desenvolvendo-se em atividades simultâneas: seis mesas redondas pela manhã, seis à tarde, seis reflexões psicanalíticas no final da manhã, seis sessões de temas livres no início da tarde, e o mesmo número de cursos à tardinha, ao longo de três dias - sexta-feira, sábado e domingo.

O Pré-Congresso Didático dedicará seu dia, quinta-feira, 11 de novem-

bro, à apresentação e troca de idéias entre didatas, professores e candidatos em formação, sobre formas e métodos de avaliação dentro dos institutos; numa abrangência que permite incluir avaliação de candidato, de professores e das chamadas "clínicas de atendimento".

Para a realização da sessão de abertura deste congresso que será na noite da quinta-feira, recebemos, de representantes do Poder Legislativo, o desejo de colocar a nossa disposição uma sala reservada para cerimônias solenes, - a sala Petrônio Portella na sede do Congresso Nacional. Este gesto expressa a consideração dispensada à presença da Psicanálise no Brasil e em Brasília.

Ao longo deste ano marcado pela construção de idéias, muitas apresentadas em eventos locais e regionais e pelo trabalho animado na organização dos Congressos maiores que se aproximam, tivemos também uma perda que este jornal cumpre o pesar de registrar. Perdemos Maria de San Tiago Dantas Quental, psicanalista da Associação Psicanalítica Rio 3 e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e também, membro do Conselho Diretor da ABP como sua Superintendente. Maria na consistência de suas idéias e de sua identidade psicanalítica, em sua discrição e elegância foi e continuará sendo na nossa lembrança, uma presença bonita.

Avanços e conquistas são a marca de Leila Tannous

Leila Tannous Guimarães é presidente reeleita do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Mato Grosso do Sul (GESP-MS), de onde também é analista didata e membro efetivo. À frente do grupo de estudos Leila é responsável por conquistas e avanços para a difusão do pensamento psicanalítico, “vencendo barreiras e preconceitos” através da construção de uma identidade. Leila acredita que, apesar de enfrentar dificuldades na formação da primeira turma, da qual ela fez parte, o processo foi importante para o amadurecimento pessoal e institucional do GESP-MS.



Leila Tannous Guimarães

ABP Notícias: Considerando o fato de ter sido eleita Presidente do GESP-MS, por duas vezes consecutivas, em sua opinião como foi que se deu a consolidação do desenvolvimento enquanto grupo?

Leila Tannous) Antes de tudo acho importante frisar que a determinação e persistência da dra. Marila, desde o momento em que retornou para Campo Grande, na década de 70, deixaram marcas profundas no nosso Grupo. Chegou aqui sem que houvesse um terreno propício para a difusão do pensamento psicanalítico, e venceu todas as barreiras e preconceitos existentes na época. Eram poucas as pessoas que tinham algum conhecimento sobre a clínica psicanalítica e com certeza viam a Psicanálise de modo muito desconfiado. Hoje, entretanto, depois de aproximadamente 35 anos, encontramos em nossa região um interesse muito grande pelo pensamento psicanalítico e sua prática clínica e, em todas as universidades e outras instituições com

as quais trabalhamos até o momento, todas elas, sem exceção, têm nos recebido muito bem.

Pois bem, você me perguntou como foi que se deu tudo isto. Em primeiro lugar, devo salientar que somos um grupo pequeno, com 25 membros apenas. E como grupo pequeno vocês sabem que praticamente todos fazem um pouco de tudo, e por essa e outras razões, em alguns momentos, como membro do Conselho Diretor do GESP-MS ao longo desses anos, observo que trabalhávamos tensos demais, correndo o risco de nos engessar em blocos, como uma espécie de proteção espontânea dos conteúdos valiosos. Havia uma necessidade de ordenar e organizar o mais depressa possível todas as instâncias de funcionamento do grupo desde que nos tornamos um Grupo de Estudos, e por conta disso, penso que nos arranjávamos em subgrupos para tentar controlar as diferenças que eram latentes e que se tornariam manifestas entre nós, inevitavelmente mais tarde.

Em minha opinião, com o passar do tempo, o nosso crescimento e maturidade se deram em dois sentidos, praticamente, ao mesmo tempo. De um lado começamos a construir internamente uma identidade psicanalítica, à medida que nos organizávamos melhor para desempenhar as funções necessárias para a estruturação do grupo, realizando grupos de estudos e discussões sobre temas de interesse, apresentações de casos clínicos, debates sobre filmes e obras literárias e, entre as várias atividades científicas já realizadas posso citar o Grupo de Estudos de Supervisão no Instituto Psicanalítico, assim como as atividades científicas do Departamento Científico e do Departamento de Assistência Psicológica. Por outro lado, ganhávamos cada dia

mais confiança do meio externo, instituições afinadas com a Psicanálise e a ABP acesavam em nossa direção com uma frequência cada vez maior, e como uma espécie de encontro entre aquilo que era desejado e o objeto real, surgiam demandas internas e externas, ao mesmo tempo em que nos víamos dispostos para oferecermos algo coincidente com o que estava sendo solicitado. Assim como, recebíamos também algo muito próximo daquilo que procurávamos, quando acolhíamos colegas de outras Sociedades que nos contavam gentilmente as suas experiências institucionais, e me lembro muito bem, como bebíamos todas as informações que recebíamos, e fazemos isso até hoje, mas, com uma capacidade crítica muito mais aguçada. Tivemos também, neste meio tempo, uma orientação mais aberta do Sponsoring Committee, o que nos permitiu experimentar com mais liberdade algumas proposições oriundas do próprio grupo.

Penso que o que disparou o movimento para a consolidação do grupo, enquanto grupo mais independente, foi a decisão de realizarmos eleição de Conselho Diretor, e consequentemente assumirmos as nossas escolhas de forma mais democrática, arcando com os resultados das mesmas. Acho que aí nós conseguimos nos unir para assumir os riscos de crescimento do grupo. Antes, fazíamos algumas tentativas de alçar vãos isolados, mas não prosseguíamos, pois ainda sentíamos certo receio de crescermos por conta e riscos.

Nesta época, voltados para a eleição de Conselho Diretor, elaboramos uma plataforma de trabalho envolvendo a organização administrativa com todas as funções bem delimitadas e apresentamos ao grupo propostas científicas que abrangiam Educação,

Difusão e Assistência Psicanalítica. Essas eram e são as nossas metas distribuídas nas diversas comissões de trabalho. E para manter as informações atualizadas sobre o nosso trabalho interno e o movimento psicanalítico externo tornamos, a nossa comunicação mais transparente e ágil para os Membros do nosso grupo, Sponsoring Committee e Sociedades de Psicanálise, com a criação e frequência regular do Boletim Informativo e, nos voltamos para o objetivo central de reintegrar os membros do grupo com uma proposta de reconstrução dos espaços vitais da instituição onde, trabalho e discussão seriam as molas mestras do desenvolvimento em grupo, podendo assim, nos diferenciar em vários aspectos, sem que a tensão limitasse a nossa criatividade, confiança e espontaneidade.

Portanto, avaliando o nosso funcionamento no início da constituição do grupo de estudos, em que os nossos ideais psicanalíticos ficavam protegidos pela formação de subgrupos, hoje em dia, vejo o grupo de modo diferente, muito mais integrado e flexível, cujas idéias voltadas para a psicanálise circulam mais livremente por todos os âmbitos da instituição. Do ponto de vista interno considero que o que prevaleceu no processo de estruturação do nosso grupo societário foi o princípio da esperança e a determinação e, como consequência, a Psicanálise venceu a toda prova.

Neste sentido pudemos organizar grupos de estudos que acompanham as sugestões oferecidas pela IPA, FEPAL e ABP, mantendo os nossos colegas mais atualizados sobre o movimento psicanalítico a nossa volta. O Instituto Psicanalítico, por exemplo, criou o Grupo de Estudos de Temas Didáticos e Pesquisa, aberto para os Membros Associados e Efetivos do

GESP-MS. Esta idéia surgiu baseada na experiência que tínhamos com o Grupo de Estudos sobre Supervisão e, então a entendemos para todos os temas referentes à formação psicanalítica, com o objetivo de delimitar para o nosso grupo um perfil político e educacional com uma qualidade de alto nível na transmissão da psicanálise que gostaríamos de adotar para com os nossos candidatos.

ABP Notícias: A senhora fez parte da 1ª turma de psicanalistas formada pelo Núcleo de Campo Grande, na época, vinculada à SPRJ, e que depois veio a se transformar em Grupo de Estudos Psicanalíticos de Mato Grosso do Sul. Neste ano existe o pedido para a passagem a Sociedade Provisória. Em sua opinião, o que mudou em termos da formação psicanalítica?

LT) Mudaram muitas coisas, mas, o princípio que rege a formação permanece o mesmo: uma formação psicanalítica de acordo com os critérios mínimos da IPA, em que a análise didática, seminários e supervisão se constituem no tripé de apoio para o desenvolvimento e amadurecimento do candidato durante a sua formação. No entanto, no que se refere à experiência da 1ª turma no NPMS, tivemos uma formação psicanalítica em que todos os esforços ficaram voltados para a qualidade da transmissão e para a organização do Núcleo e, entendimento dos limites funcionais, passo a passo, ou seja, nada estava pronto e quase tudo estava por se formar. Acho importante ressaltar que a nossa turma viveu a formação de maneira solitária, isto é, não havia nenhuma turma anterior a nossa, e nem uma outra que se avistasse no horizonte. Contávamos com apenas três analistas em função didática e analistas que vinham a cada quinze dias para coordenar seminários. Contudo, os esforços realizados pelas Comissões Coordenadoras da SPRJ e a boa vontade de todos superaram as dificuldades que se interpunham à formação. Mesmo assim, nos formamos distantes de uma Sociedade já estabelecida, não sendo possível conhecer seu funcionamento como um todo, e não tendo uma turma em quem nos espelhar.

Hoje em dia contamos com o nosso próprio amadurecimento pessoal, institucional e com a ajuda do Sponsoring Committee, conseqüentemente, desenvolvemos uma capacidade muito maior para lidar com as dificuldades e conflitos que se apresentam na condução da formação psicanalítica. Penso que o processo de aperfeiçoamento independe de um sentido de ordenamento, havendo, em minha opinião, uma tensão permanente que se origina das inquietações, subjetivas e objetivas dos candidatos

e de nós mesmos, enquanto analistas, em contato com os estímulos que a formação, por si só, oferece, o que é muito saudável por um lado, desde que possamos preservar a nossa criatividade e a liberdade de pensamento.

Atualmente a Comissão que coordena o Instituto de Psicanálise (IP) está muito mais afinada em suas diversas funções, trabalhando exaustivamente em prol da qualidade da formação, além de estarmos com a casa pronta, ou seja, a instituição está, como um todo, funcionando bem e aberta para receber os candidatos. Realizações de Jornadas internas no IP, e outras participações das nossas candidatas no Departamento Científico e de Assistência Psicológica acontecem com muita frequência. O intercâmbio entre analistas e candidatos

te, e a outra para o Grupo de Supervisão Coletiva de Casos Continuados, um grupo que está composto por 16 candidatas e três analistas.

ABP Notícias: Qual é a relação que a senhora estabelece entre a criação do Banco de Dados e a iniciativa a pesquisas, e como entende a demanda de novos projetos dentro do movimento institucional?

LT) Além das pesquisas no IP, alguns anos atrás o Departamento de Assistência Psicológica (DAP) desenvolveu, por intermédio da Comissão de Estudos e Pesquisa um banco de dados que recolhe todos os dados fornecidos desde o momento da solicitação de tratamento, triagem, diagnóstico, encaminhamentos para tratamento, supervisão de 1ª Entrevista, acompanhamento de

ganhou mais maturidade e trabalha com as suas comissões de maneira mais livre e ousada, exercendo uma crítica mais construtiva sobre os diversos procedimentos adotados na clínica. As pesquisas futuras poderão representar, quem sabe, num futuro próximo, a força destas demandas, que em minha opinião, têm sido expressas, ainda que de forma retraída, desde há muito tempo no GESP-MS.

ABP Notícias: E o trabalho de difusão da Psicanálise realizado pelo departamento Científico, como está hoje?

LT) Contamos com um extenso trabalho realizado pelas várias direções do Departamento Científico, trabalho este, voltado tanto para atividades internas do grupo, quanto externas. Temos hoje, muito bem estabelecidas, as parcerias com as universidades de todo o estado de Mato Grosso do Sul, coordenando várias propostas de trabalho nos cursos de graduação e pós-graduação ao mesmo tempo e ao longo de cada ano. O departamento conta com uma comissão de cursos que apresentam propostas voltadas para o conhecimento psicanalítico e que estão dirigidos para o público interessado, voltando-se para acadêmicos e profissionais de diversos setores da comunidade científica. Estamos, também, formando um grupo de estudos sobre crianças e adolescentes, aberto para todos os analistas interessados em aprofundar o conhecimento psicanalítico nesta área, independente de estarem ou não trabalhando com crianças e adolescentes; e desenvolvemos estudos voltados para a Educação Continuada, que também atende aos interesses teóricos do grupo de analistas. No mês de maio, por exemplo, promovemos um evento que discutiu questões relacionadas ao trauma, temática do Congresso Internacional de Psicanálise, a realizar-se em julho, no Rio de Janeiro. Estamos também preparando mais um número da nossa revista. Penso que o Departamento Científico do GESP-MS têm desenvolvido um trabalho estimulante entre analistas, candidatos e o público externo, e quem ganha com isso é a Psicanálise.

Um outro aspecto importante na consolidação do grupo está relacionado com a participação do GESP-MS nos eventos científicos promovidos pela ABP, FEPAL e IPA. Hoje em dia, nos apresentamos em diversas reuniões administrativas e científicas. Acredito que isto acabou nos fortalecendo enquanto um grupo representativo dentro do contexto societário da psicanálise brasileira, devolvendo aos membros o reconhecimento de suas competências no exercício psicanalítico.

“Ganhávamos a cada dia mais confiança do meio externo, instituições afinadas com a psicanálise e a ABP acenavam em nossa direção com frequência cada vez maior.”

tem sido enriquecedor para o grupo, além de haver duas turmas em formação neste momento, no IP do GESP-MS.

Mas, voltando para o IP, além dos grupos de estudos de temas didáticos e pesquisa que acontecem até hoje, voltados para os analistas, elaboramos também o currículo com um programa extenso e muito bom de seminários teóricos, clínicos e técnicos, em que prevalecem trabalhos de autores clássicos em articulação com os mais atuais; e um sistema de avaliação contínua dos seminários realizada pelos docentes e candidatas. Paralelamente, a pesquisa também ganhou corpo dentro do GESP-MS, e atualmente estamos desenvolvendo duas pesquisas no Instituto de Psicanálise: uma que está voltada para o corpo docen-

te, e a outra para o Grupo de Supervisão Coletiva de Casos Continuados, um grupo que está composto por 16 candidatas e três analistas. Este banco de dados se constitui num software criado para reunir informações provenientes da Clínica de Atendimento Psicanalítico com o intuito de favorecer a pesquisa no GESP-MS. Para tanto a mesma comissão iniciou um grupo de estudos sobre epistemologia e pesquisa qualitativa. A finalidade deste grupo de estudos é oferecer aos colegas condições mínimas para realizarem pesquisas de seus interesses. Esta foi mais uma semente plantada há quatro anos atrás e que representava, de maneira isolada, um desejo do grupo. Hoje o trabalho voltado para pesquisa está despontando em todos os setores do GESP-MS, e recebe incentivo permanente do conselho diretor. O Departamento de Assistência Psicológica, como um todo, envolvendo a clínica de atendimentos (CAP)

Diretor Científico da ABP fala das relações de poder nas sociedades modernas

Cláudio Rossi, psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da International Psychoanalytical Association (IPA), é um dos organizadores do XX Congresso Brasileiro de Psicanálise. Com o tema “Poder, sofrimento psíquico e contemporaneidade”, o evento, que acontecerá de 11 a 14 de novembro, em Brasília, debaterá as formas como o poder se apresenta na sociedade atual e como a psicanálise pode se posicionar diante desse fato. Em entrevista ao ABP Notícias, Rossi explica como a psicanálise pode ajudar no exercício do poder, como é a relação de poder nas relações afetivas e profissionais, a diferença entre homens e mulheres no exercício do poder e as transformações que ocorreram nestas relações ao longo dos anos, sob a ótica da psicanálise.



Cláudio Rossi

ABP Notícias - Como a psicanálise pode ajudar no exercício do poder?

Cláudio Rossi - O exercício do poder exige discernimento, de capacidade de se avaliar uma situação por muitos pontos de vista, de não se deixar levar por pressões ou manipulações mais sutis das emoções. Depende ain-

da da capacidade de se ouvir e aceitar os outros sem preconceitos e com lucidez. Uma pessoa que se analisa tem melhores condições de enfrentar essas dificuldades. Ao se conhecer melhor aprende a aceitar as diferentes dimensões de si mesma e ter mais sensibilidade às características alheias podendo se relacionar com elas com mais liberdade e criatividade.

ABP Notícias - Como o poder pode prejudicar as relações afetivas? E profissionais?

CR - Quando alguém chega a um cargo, a uma posição de poder, todas as suas relações se modificam. Aparecem muitas e contínuas solicitações, aparecem rivalidades e adulações. Idealizações de todo o tipo criam um clima grandioso em torno da pessoa e se ela não sabe lidar com isso perde o pé. A glória sobe à cabeça, a pessoa fica deslumbrada e tende a se sentir mais poderosa do que realmente é. Ou, pelo contrário, desiludida com as limitações concretas do poder e emulada pelas atitudes dos que tudo esperam dela, passa a sentir-se indevidamente limitada pelos outros, irritada e agressiva com os interesses de grupos de oposição e o lado autoritário e ditatorial pode se fazer presente com consequências desastrosas. Tudo isso pode ter impacto importante sobre suas relações íntimas e profissionais. O poder, também, se não exercido com extrema disciplina e organização pessoal, pode envolver a pessoa de tal maneira que ela passa a se dedicar a ele todo o tempo disponível que tiver deixando de lado família, amigos e afazeres profissionais. Não é difícil imaginar o que acontecerá quando o mandato acabar e a pessoa tiver que voltar para sua vida normal.

ABP Notícias - Qual a diferença entre poder e autoridade, segundo a psicanálise?

CR - Todo poder é delegado. É impossível exercer poder sem um grupo de apoio. Um grupo que considera útil, que depende, de que alguém comande. Uma pessoa tem autoridade quando compreende isso e é capaz de exercer o poder de uma maneira tal, que o grupo que delegou o poder a ela tem seus interesses e necessidades atendidos. Nessas circunstâncias suas ordens, orientações, decretos, ensinamentos, pedidos, são atendidos sem contestações ou conflitos importantes. Quando uma pessoa em cargo de mando, pelo contrário, exerce o poder sem levar em conta os interesses da coletividade que está a ela submetida, torna-se autoritária, arrogante e agressiva. Tudo isso, numa tentativa que com o tempo vai se tornando infrutífera de evitar a perda do controle da situação.

ABP Notícias - Em que circunstâncias o poder pode ser prejudicial? E benéfico?

CR - O poder pode ser muito prejudicial para alguém que não esteja preparado para exercê-lo. Pode ser terrível quando submete coletividades inte-

continuação

ras aos interesses, muitas vezes desarrazoados de grupos que o detém. Benéfico será quando for exercido com sabedoria e equilíbrio, levando em conta os melhores interesses da humanidade como um todo. Quanto mais pessoas forem beneficiadas pelo exercício de um determinado poder, mais ele será justo e benéfico.

ABP Notícias - Qual a melhor forma de exercer o poder?

CR - Com equilíbrio visando o bem coletivo, jamais buscando a resolução de problemas pessoais ou de pequenos grupos em detrimento do bem maior, que é o de todos.

ABP Notícias - Qual a explicação para o fascínio que o poder exerce sobre as pessoas ao longo dos anos?

CR - Não existe uma resposta genérica para esta pergunta. Pessoas diferentes se fascinam por razões diferentes e a mesma pessoa, mudadas as circunstâncias, pode ser atraída por motivos diversos. Exatamente por isso que a psicanálise pessoal pode ajudar. Numa psicanálise o sujeito pode avaliar suas circunstâncias, seus impulsos e motivações assim como suas intenções e projetos. Isso o torna menos susceptível a ficar fascinado. É necessária uma considerável lucidez e força para fazer frente às pressões grupais contínuas que assolam ou emulam quem está no exercício de uma função em posição de destaque. As reverências, os rituais, a quantidade de pessoas que ficam a serviço, a presteza em que os desejos e comandos são atendidos, tudo isso funciona como uma espécie de magia. Quem não percebe os perigos e enganos de tudo isso pode ficar "viciado" em toda essa pompa.

ABP Notícias - Homens e mulheres tem a mesma visão sobre o poder?

CR - Até muito pouco tempo atrás era comum as pessoas acreditarem que o exercício do poder público era coisa para homem. As mulheres eram as rainhas do lar. Ou seja, no mundo privado elas tinham suas esferas de poder específicas. O aforisma que dizia que "um grande homem tinha sempre por trás de si uma grande mulher" expressava essa maneira de ver as

CR - Quanto mais madura e integrada for uma pessoa, mais capaz será ela de exercer o poder tendo por meta o bem comum. Nesse caso o poder será usado como meio. Pessoas imaturas ou com sérios problemas emocionais, também, poderão exercer o poder como meio para atingir metas, só que as metas poderão ser bastante perniciosas para a coletividade. O poder é um fim para aqueles que precisam dele para se sentirem valiosos, queridos, importantes. Isso ocorre quando as questões narcísicas da pessoa estão mal resolvi-

leiro de Psicanálise que ocorrerá em novembro em Brasília vai se dedicar, entre outras coisas, a avaliar como estão as pesquisas sobre isso na psicanálise.

ABP Notícias - O exercício do poder público é um meio de exercer a cidadania ou uma conquista pessoal?

CR - Podem ser ambas as coisas. Elas não são excludentes. O ideal é que uma pessoa sinta como uma conquista pessoal exercer a cidadania.

ABP Notícias - E como explicar a maneira pela qual os ditadores exercem o poder?

CR - Depende do ditador, das circunstâncias e do momento histórico no qual ele atuou, do seu substrato social e cultural, das questões políticas em jogo, etc. Não é possível dar uma resposta genérica para essa pergunta. Pode-se, porém, dizer que a ditadura é uma estrutura onde um grupo que detém o poder subme-

"O Poder pode ser muito prejudicial para alguém que não esteja preparado para exercê-lo. Benéfico será quando for exercido com sabedoria e equilíbrio, levando em conta os melhores interesses da humanidade como um todo".

te outros grupos sem dar a eles condições de participar ativamente do processo político, sem ouvir suas demandas e sem dar a eles a possibilidade de opinar ou, até mesmo, de expressar suas opiniões. Pode-se dizer, metaforicamente, que o psicanalista trabalha todos os dias com as ditaduras. Ao dar palavra àquelas partes das personalidades das pessoas, que estão reprimidas, submetidas, desconsideradas, pode-se dizer que a psicanálise promove uma redistribuição de poder dentro dos indivíduos e que nesse sentido promove uma espécie de democracia interna. Acredito que uma pessoa que conte com um estado democrático dentro de si mesma tenha menos vocação para, no exercício do poder, adotar atitudes despóticas e ditatoriais.

coisas. No mundo contemporâneo, cada vez mais, as mulheres estão assumindo cargos públicos e sua visão sobre o poder está cada vez mais próxima da dos homens. No que se refere à psicologia profunda existem importantes diferenças entre o masculino e o feminino na sua forma de conceber e se relacionar com o poder. Masculino e feminino, porém, são constelações emocionais que ocorrem em pessoas de ambos os sexos. Existem, então, maneiras mais femininas e mais masculinas de exercer e de se relacionar com o poder, tanto em homens como em mulheres.

ABP Notícias - Sob a ótica da psicanálise, o poder é um fim ou meio de alcançar metas?

das e ela poderia se beneficiar submentendo-se a uma psicanálise.

ABP Notícias - O poder é uma busca que se popularizou no mundo moderno?

CR - Se por moderno você se refere ao mundo atual, contemporâneo, pode-se dizer que existe uma febre de poder. As pessoas estão desejosas de exercer o poder, têm dificuldade de aceitar as hierarquias e de delegar, querem mandar e agir diretamente. Acredito que estamos vivendo uma importante modificação nas estruturas sociais e no próprio conceito de poder. Estudos aprofundados sobre essa questão estão sendo feitos por vários ramos das ciências e o próximo Congresso Brasi-

A memória do saber

Valton de Miranda Leitão é candidato em formação pelo Núcleo Psicanalítico de Fortaleza e conselheiro da Coleção Memória do Saber, coordenada pelo CNPq. Em entrevista ao ABP Notícias, Valton conta como foi o surgimento e a evolução da Coleção, assim como a importância do resgate e construção da memória de grandes pensadores.



Valton Leitão

ABP Notícias - Como surgiu a idéia da Coleção Memória do Saber?

Valton Leitão – O vice-presidente do CNPq, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, numa conversa com o historiador pernambucano Antonio Montenegro lamentava que a produção científica brasileira não tivesse reconhecimento mundial. O exemplo disso era Santos Dumont, cujo trabalho científico e descoberta eram ignorados mundialmente, colocando-se em seu lugar uma certa bizarria do inventor, ocultando sua estatura de saber criativo. Dessa conversa nasceu a idéia da criação da Coleção que foi comunicada ao então ministro daquela pasta, Roberto Amaral, que imediatamente a encampou. A minha íntima amizade com Amaral e Domingos Neto fez com que logo eu tomasse conhecimento do assunto, ficando, evidentemente, empolgado.

ABP Notícias - A Coleção, então, abrange todas as áreas do conhecimento?

VL – A idéia da Coleção Memória do Saber tomou forma e seu conteúdo foi claramente definido em vários documentos distribuídos pelo CNPq. Não se trata, simplesmente, de resgatar a memória dos saberes nas ciências físico-matemáticas e nas ciências histórico-humanas, mas de construir a memória daquilo que efetivamente existe sepultado nos estratos arqueológicos do saber brasileiro.

ABP Notícias - Não é tarefa demasia-do grande para o CNPq?

VL – O Ministério da Ciência e Tecnologia para executar esse projeto estabeleceu um convênio com o Ministério da Cultura através do ministro Gilberto Gil e com a Biblioteca Nacional através do seu dirigente maior Pedro Lago. Posteriormente, o presidente do BNDES, Carlos Lessa, ao tomar conhecimento desse projeto mostrou-se entusiasmado e disposto a apoiá-lo. O ministro Eduardo Campos que sucedeu ao ministro Roberto Amaral apoiou o projeto e assinou o convênio acima mencionado. Dessa forma, tanto o presidente do CNPq, Erney Camargo, quanto o seu vice-presidente, Manuel Domingos Neto, não somente formalizaram oficialmente a Coleção Memória do Saber, cujo projeto foi publicado no Diário Oficial da União, como igualmente estabeleceram as regras para a participação na Coleção.

ABP Notícias - Quais são as regras básicas?

VL – A idéia básica é que se utilize um nome de referência, por exemplo, Santos Dumont, para construir sistemática e metodicamente a memória do conhecimento da ciência aeronáutica ou um de uma comunidade, por exemplo, "Grupo Tamarineira" com o mesmo objetivo de sistematização do desenvolvimento da Psiquiatria no Nordeste. Não se trata de fazer uma biografia apologética, mas de utilizar o nome de referência como núcleo gravitacional de cada saber ou conhecimento científico, cuja memória se pretende edificar, retirando-a, como na metáfora freudiana, dos escombros de uma travessia desmemoriada.

ABP Notícias - Como isso vai ser operacionalizado na prática?

VL – O CNPq já definiu os primeiros 20 volumes da Coleção, cujos projetos foram julgados pelos conselheiros e consultores do CNPq, conforme critérios estabelecidos previamente. A área de Psiquiatria e Psicanálise teve aprovados para essa primeira fase os projetos de Paulo Marchon e

Ronaldo Jacobina, tendo respectivamente como referenciais Alcyon B. Bahia e Juliano Moreira.

ABP Notícias - Mas outros projetos foram apresentados, pois consta que em todas as áreas do conhecimento foram ao todo 134 projetos, não é?

VL – É verdade, mas o CNPq quis garantir, através de criteriosa seleção e avaliação de condições financeiras, a base para a continuidade da Coleção em etapas posteriores.

ABP Notícias - Qual é o impacto da Coleção no mundo intelectual e científico brasileiro?

VL – A resposta foi impressionante, pois mais de 500 intelectuais e cientistas do mais alto nível, desde as ciências ditas exatas passando pelas ciências sociais, a literatura, a psiquiatria e a psicanálise enviaram projetos, comunicações e sugestões interessantes.

ABP Notícias - A que você atribui essa adesão entusiasmada?

VL – A primeira coisa a ressaltar é a seriedade com a qual o CNPq encara essa Coleção, pensando no conhecimento como construção totalizadora. O conhecimento que permanece oculto nos escombros da história não consegue ser articulado, concatenado e mostrado como produto total. O exemplo de Santos Dumont mais uma vez mostra essa dificuldade, pois não é reconhecido no exterior como o grande patrono da ciência aeronáutica mundial, embora o saber aeronáutico brasileiro seja um dos mais importantes do mundo.

ABP Notícias - Isso não tem a ver com poder político, a capacidade financiadora das nações ricas e o subdesenvolvimento científico e tecnológico?

VL – É verdade, mas é igualmente verdadeiro que a cultura mundializada estabelece zonas de consagração como EUA e Europa. Isso ocorre também no Brasil, onde um trabalho nordestino precisa vencer a barreira da zona de consagração situada no Rio ou São Paulo. A transposição dessa barreira exige a

construção da memória do saber brasileiro.

ABP Notícias - A psicanálise e a psiquiatria só apresentaram os dois projetos que serão divulgados nesta primeira etapa?

VL – Não. Além destes foram apresentados vários outros projetos do Rio, São Paulo, Porto Alegre e Recife. O projeto que tem como referência Ulysses Pernambucano coordenado pelo dr. Tácito Medeiros e do qual faço parte foi excluído desta primeira fase, por exemplo. Claro que voltará para julgamento na etapa posterior e espero que seja aprovado.



Paulo Marchon (ME da SPR e do NPF)

ABP Notícias - Qual é, na sua opinião, a importância desta Coleção para a psiquiatria e a psicanálise?

VL – Creio que o livro coordenado por Paulo Marchon dá uma idéia do trânsito entre a psiquiatria e a psicanálise, utilizando a história para sistematizar o desenvolvimento do saber psicanalítico brasileiro desde a mais ingênua compreensão de Freud até o mais refinado conhecimento atual, incluindo todas as leituras do paradoxo da dinâmica inconsciente sem qualquer tipo de discriminação. Além disso, penso que essa é a primeira grande oportunidade para que a ciência psicanalítica desencabule e ingresse orgulhosamente ao lado de outros saberes por meio deste reconhecimento institucional. Os volumes que podem conter até 600 páginas serão impressos pela gráfica do Senado com o aval da Biblioteca Nacional em três línguas: português, inglês e espanhol e, naturalmente, disponibilizado para as principais bibliotecas do mundo.

O processo de aculturação: um convite a navegar sob o timão de Mahler

Lúcia Grigoletti



Lúcia Grigoletti

A era da globalização tem trazido muitas alterações no dia-dia do ser humano. As novas tecnologias ligadas à informática e à imensa rede de comunicação, que foi possível se estabelecer entre as mais distantes partes do mundo, têm exercido grande influência no psiquismo e no modo de viver das pessoas. Os extremos do ser humano (evolução e regressão) unem-se num mesmo movimento, isto é, tanto o intercâmbio virtual via satélite e a especialização em determinado conhecimento científico como a imensa falta de condições humanas a que o cidadão tem direito em seu país levam a uma proximidade entre as diferentes nações e a um processo migratório cada vez mais presente.

Qual o brasileiro que não viveu essa experiência no próprio país? Diante da extensão geográfica do "Verde-Amarelo", as diferenças culturais fazem-se presentes, pois não precisamos ir muito distante para sentir-nos imigrantes ou estrangeiros. Sentimento este tão conhecido na prática do analista quando possibilita a seu paciente e a si próprio o acesso às suas partes estrangeiras. (Koltai, 2000 e Kristeva, 1994)

Inicialmente, alguns conceitos são necessários para que possamos falar a mesma língua – cada leitor com seu background cultural.

Imigrar significa entrar num país estranho para nele viver sem tempo previsto de saída, enquanto que, segundo Koltai (2000), o senso comum denomina estrangeiro aquele que vem de outro lugar, não está em seu país e, ainda que em certas ocasiões possa ser bem-vindo, na maioria das vezes é passível de volta ao país de origem, repatriado.

No presente trabalho, não será dada ênfase a essas diferenças vivenciais, mas, sim, será focalizado o que lhes é comum – o processo de aculturação.

A mudança de fronteiras gera uma significativa demanda psíquica, pois, por pior que o antigo seja, ele é conhecido e o novo é sempre gerador de muitas inseguranças, vivência de caos e de angústias primitivas. Principalmente quando o novo coloca em xeque parâmetros e referenciais tão intrínsecos como costumes, valores e credos; enfim, pontos que sustentam o desenvolvimento e a formação de um indivíduo. Sabe-se que a experiência de desterrar se contrapõe ao sonho da continuidade, à estabilidade e ao amparo que a herança cultural nos insere e que transcende a experiência individual. Esse sentimento, denominado pertencença, é abordado por Teichner (2001, p.3) quando diz que:

Imigração

Segundo Suárez (2001), a experiência de imigração exige um trabalho intrapsíquico intenso para poder processar os objetos valiosos perdidos e os novos adquiridos. É um luto que marca quem o padece, enfrentando a dor da separação para incorporar uma nova forma de vida, um antes e um depois da imigração.

O referido autor e Berry (in De Biaggio & Paiva, 2004) falam-nos do processo de aculturação, isto é, das mudanças decorrentes das relações entre pessoas e grupos, seja por um longo contato ou por períodos curtos de tempo, seja em nível internacional (entre nações-estado) ou intranacionalmente (entre grupos culturais étnicos morando conjuntamente em sociedades pluriculturais). Portanto, o processo envolve dois ou mais grupos com consequências para ambos – o dominante e o não-dominante se aculturam.

A aculturação psicológica concebe as mudanças psíquicas ocorridas no indivíduo em contato com o grupo. A identificação com o grupo de origem, cuja herança ancestral não pode ser mudada, embora possa ser negada ou ignorada, tem sido denominada de identificação étnica e, de identificação cívica ou nacional, o sentimento de pertencer a, ser parte de um país ou grupo dominante, podendo ser essa mutável. Essas identificações não estão negativamente correlacionadas,

elas são independentes, podendo ser aninhadas – a identidade étnica de um indivíduo pode ser contida na identidade cívica ou nacional (in De Biaggio & Paiva, 2004). Embora independentes, o indivíduo vive um processo de transformação psíquica extremamente complexo para que a resultante dessas identidades seja harmoniosa.

Sebben (1996) ressalta o idioma e o alimento como dois pontos agravantes na experiência migratória, pois ambos corroboram para a identidade do sujeito.

Linguagem

A aprendizagem de uma nova linguagem, uma língua diferente da materna, fará parte da experiência do processo de aculturação do imigrante, evidenciando a importante ligação entre a linguagem e o afeto.

Segundo Revuz (2000), o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira revela-se delicado, pois ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos, na condição de sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa, solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica e, com elas, aquilo que é, ao mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna.

Portanto, no processo de aculturação, se está diante da transgeracionalidade vinculada da língua materna que vai provocar um deslocamento de marcas anteriores. De acordo com a referida autora, esse estranhamento do dito na língua estrangeira que é sempre vivido como, um pouco, tornar-se um outro, pode levar a uma perda, até a perda de identidade; uma operação salutar de renovação e de relativismo da língua materna; ou, ainda, a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade.

Ao mesmo tempo em que, com facilidade, alguns imigrantes possam aprender bem a língua do outro e se fazer presente um temor de romper com as amarras que o ligam à língua materna, também sabem e sentem que nunca serão um deles, um nativo daquele país.

O alimento, por sua vez, é o outro agravante nessa experiência, pois suscita os vínculos primitivos com o seio materno, podendo haver, como resultado na vivência do imigrante, uma rejeição absoluta aos

pratos novos e buscar nostalgicamente os alimentos de sua terra, aplacando sua angústia, seja pelo sentimento de desproteção, seja pelo sentimento de culpa pelo que deixou para trás.

Ressaltar os resultados de Sebben (1996), o idioma e o alimento como dois pontos que mais expressam a experiência de aculturação, visa focalizar o inevitável retorno da experiência vincular do imigrante com sua própria mãe, desestabilizando seus referenciais mais primários, sua base identificatória.

Além da primeira fase de separação-individuação que atinge a faixa dos 3 anos de idade (Mahler; Pine & Bergman, 2000), fala-se, hoje, na segunda fase do processo que é vivida na adolescência e, até, na terceira fase, etapa adulto jovem.

Por que não embarcar na nau do imigrante, sob o timão de Mahler? Um processo em que o indivíduo tanto possa "desligar-se" de sua "pátria-mãe" – cultura não dominante – por um processo de internalização, subfase da constância objetal exitosa – quanto "desligar-se" dos objetos internalizados para amar – assimilar – objetos exteriores e extrafamiliares da cultura dominante – identidade única?

A aculturação

Alguns autores escolhem Erik Erikson para realizar a leitura do processo de aculturação, outros se reportam a Freud, mais especificamente, em Mal-Estar na Civilização e Totem e Tabu. Outros optam por Lacan, a própria autora do presente artigo já abordou esse tema segundo Klein. Mas é Mahler quem se aproxima do cerne da vivência de aculturação, o separar-se e o individualizar-se. Ela mesma escreveu sobre imigração, trabalho baseado em sua própria experiência.

Antes de navegarmos com Mahler, é interessante ressaltar dados apresentados em Sarriera (2000): ao investigar o processo de aculturação, ele expõe várias modalidades de adaptação. Entre elas, salienta o modelo interativo de aculturação – IAM – de Bourhis et alii, que considera o efeito do impacto cultural, segundo o grau de vitalidade dos grupos de imigrantes – não dominante – e o de acolhida – dominante. Os primeiros distribuem-se em integração (não deixam de considerar seus valores étnicos originais, ao mesmo tempo em que absorvem os valores do

grupo dominante); assimilação (transvestem-se com a roupagem do grupo dominante); separação (mantêm seus valores étnicos, mas sem relação favorável com o grupo dominante); anomia (não mantêm a identidade étnica original, nem boas relações com o novo grupo); individualismo (mantêm seus valores originais como realidade essencial, não considerando o grupo dominante). Por sua vez, as comunidades de acolhida – grupo dominante – podem ser de integração, assimilação, segregação, exclusão e individualismo. A interação entre cada modalidade de grupo – dominante e não-dominante –

pode resultar em consensual, problemática ou conflituosa.

A resultante consensual: integração x integração, é aquela que se caracteriza pela possibilidade de o migrante e o grupo de acolhida reconhecerem a parte estrangeira que existe dentro de si, podendo realizar a síntese integradora entre o externo e o interno. Essa tão conhecida dicotomia humana nas demais resultantes permanece inconsciente, sendo identificado projetivamente à parte estrangeira: na cultura majoritária no caso do migrante e, neste último, no caso do grupo de acolhida.

Portanto, pode-se dizer que o migrante, cuja resultante é consensual em seu processo de aculturação, pôde formar uma representação da “pátria-mãe”, distinta da representação de si – integração entre as duas culturas – identidade cívica que contém a identidade étnica. Esse indivíduo, cuja identidade é bicultural, pôde exitosamente “re-viver”, junto ao grupo de acolhida – cultura dominante – as subfases do processo de separação-individuação: diferenciação, treinamento, reaproximação e constância objetal (Mahler, Pine & Bergman, 2002), constituindo assim, uma identidade única, cuja flexibilidade do self

lhe permite navegar nos sete mares.

O decisivo não é conhecer, e sim, tornar a desconhecer. (Kovadloff, 2003)

A experiência clínica da autora e suas pesquisas junto aos migrantes (Grigoletti & Nascimeto, 2004) reforçaram o desafio de aprofundar-se nesse mar estranho. Inevitavelmente, também a colocaram no lugar de estrangeira, na medida em que se propôs a ultrapassar a linha divisória do conhecido, do já vivido, a dar continuidade à familiarização com o estrangeiro de si própria.

Membro Candidato da Sociedade Psicanalítica de Pelotas

Violência e Trauma

Cátia Olivier Mello¹
Ruggero Levy²



Head, de Francis Bacon.

parar-se para o congresso da IPA em julho próximo, realizou-se na SPPA o Simpósio Violência e Trauma, nos dias 18 e 19 de março de 2005.

Tivemos como convidados o prof. Sergio Paulo Rouanet (filósofo, cientista político), o dr. Leopoldo Nosek (SBPSP) e o dr. Carlos Gari Faria (SPPA). O evento foi planejado para haver uma discussão profunda do tema com a participação de todos. Neste sentido, na abertura houve um painel que os painelistas apresentaram suas idéias, no sábado pela manhã houve discussão de pequenos grupos que formularam novas questões

para um painel final com os mesmos convidados.

Os painelistas abordaram a problemática da violência e do trauma, cada um desde um vértice próprio: o prof. Rouanet partiu de uma análise político-social mais ampla; o dr. Nosek abordou como a violência traumática é elaborada pela cultura através de um processo de representabilidade; e o dr. Gari focou-se no âmbito individual próprio do trabalho analítico.

Uma das características abordadas pelo prof. Rouanet no sentido de caracterizar os nossos dias foi o que chamou de um “retorno ao fundamentalismo”. Analisando as semelhanças e diferenças entre os fundamentalismos monoteístas, o católico, o

judaico e o islâmico, levantou a reflexão sobre esta necessidade de nosso tempo de grandes setores da humanidade estarem se voltando para uma forma messiânica de liderança, ao invés de buscar a autonomia de pensamento. A tese principal do prof. Rouanet é que “a modernidade infligiu a milhões de seres humanos um trauma profundo ao arrancá-los de suas culturas tradicionais, impondo-lhes uma secularização forçada”, causando um sentimento de desamparo de efeitos traumáticos. O retorno ao fundamentalismo violento implicaria numa fixação positiva e outra negativa do trauma. A positiva seria a repetição de atos violentos em que o “deicídio” seria rememorado. A negativa seria a regressão a um mundo em que “a religião reinava sem partilhas e a autoridade das Escrituras não era contestada”. Evidentemente que o fenômeno é complexo, mas esta seria uma das razões de um retorno ao fundamentalismo.

Procurando delimitar o campo de ação dos psicanalistas e alertando para a amplitude do problema, o dr. Nosek procurou definir o mot just para definir o problema em debate. Conclui que o sentimento de terror seria o mais apropriado, por evitar uma expansão demasiada do tema, centrando a reflexão sobre um estado de alma. Temas como o terror, o uncanny, o sinistro, estão no âmbito da reflexão psicanalítica. Neste território, o da vivência de um estado de alma bruto como é o sentimento de terror, o psicanalista pode contribuir para entender como ocorre a passagem à representação, ou dito de outro modo do ato ao pensamento, ou da barbárie ao civilizado. Ilustrou suas idéias, em sua exposição,

como a exibição de imagens de tapetes afegãos em que a brutalidade da guerra foi sendo inscrita espontânea e gradualmente, através de figuras na tessitura dos mesmos. Foi notável verificar o processo de figurabilidade ocorrendo nos artesãos de um povo, revelando a tentativa de elaborar a vivência coletiva do terror da guerra.

Procurando refletir mais especificamente sobre nossa tarefa com o paciente em análise, o trabalho com pacientes cuja dificuldade se centrava justamente na formação de lacunas da formação da subjetividade, da capacidade de pensar e representar e, portanto, de se comunicar com o analista foram abordadas pelo dr. Gari tanto do ponto de vista técnico quanto teórico. A necessidade de o analista estar atento a estas mudanças próprias à cultura atual – de modo cada vez mais freqüente – foi apontada pelo dr. Gari como sendo prioritária para um trabalho de construção da subjetividade.

Muitas questões puderam ser discutidas e aprofundadas. O grande número de participantes no Simpósio, bem como as contribuições desde pontos de vista complementares dos convidados deram uma dimensão a todos do quanto este tema está presente na nossa vida diária, como afeta nossa mente no que diz respeito ao trabalho analítico, além da responsabilidade dos analistas quanto a algo que é, infelizmente, uma das marcas de nosso tempo: a violência.

¹ Membro Aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

² Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Apesar de todos os avanços da civilização no campo da ciência, da tecnologia, da arte, da filosofia, das ciências humanas e do direito, a violência segue assolando a humanidade em que pese – e até poder-se-ia dizer, utilizando – os progressos da civilização, por exemplo, através do uso da tecnologia. Talvez por isso, Rouanet (2004) afirma que, se a histeria foi a doença da época nos tempos de Freud, o trauma é a doença dos nossos tempos. A violência e sua mídia têm atingido proporções planetárias assumindo feições próprias em cada região do planeta. Visando participar deste debate para entender este fenômeno e pre-

Doação de Órgãos: uma luta pela vida



Alirio Dantas Jr.

Na circunstância da dor sofrida pela morte de seu pai, o poeta Dylan Thomas escreveu um lindo poema onde incita seu pai, e provoca o leitor, a lutar pela vida frente à morte: "Não mergulhe tranquilo nesta noite suave. Lute, lute contra o morrer da luz". Toda pessoa nasce com o direito à vida e à busca da felicidade... e com a certeza da morte. Nem por isto estamos obrigados a nos conformar com ela. A cada um de nós assiste o direito de lutar pela vida com todas as forças e por todos os meios disponíveis. Lutamos por nossa própria e pela vida dos que amamos, que nos são queridos. Esta luta pode ser tenaz, obstinada e mesmo furiosa. Nada nos compele a aceitar a morte da luz. No entanto, tão certo quanto é triste, estamos condenados a perder esta luta em algum ponto, no final da vida.

Enquanto pudermos, negaremos a sua presença e nos apegaremos a toda esperança. Tentaremos afirmar que a morte não chegou... não ainda. E enxerga-

remos vida mesmo quando médicos disserem que não há mais vida, que não haverá mais reversão, que o que vemos é uma sobrevivência artificial mantida por sofisticados sistemas de suporte, cuja aplicação não é temporária e não busca uma recuperação. Estes sistemas apenas adiam um final que recusamos aceitar. Quando a morte vier, vem o desespero. A angústia do nunca mais e a revolta contra o destino cruel. Os ritos fúnebres são o primeiro marco de nossa humanidade. Eles nascem da dolorosa consciência da morte, nascem para elaborar nossa incapacidade natural de aceitar este destino indesejável.

A revolta, a negação e o desespero são formas naturais de enfrentar esta tragédia. Até que um dia, de repente, descobrimos pela saudade que a vida persiste, em sua infinita teimosia, contrariando a realidade indesejada. Através da saudade recuperamos pedaços da vida de quem partiu. E experimentamos, com nostalgia, a sua presença viva. Quando aceitamos a saudade descobrimos, com encanto, a magia da vida humana. Quem morreu vive em cada um de nós, onde quer que seja lembrado, onde quer que provoque saudade. E um novo parto tem efeito, uma nova luz é dada e ressurgue depois de apagar-se por um tempo.

Não haveria muito sentido em termos consciência da morte sem que esta consciência pudesse en-

contrar na morte outro sentido para a vida. Damos sentido a vida, mesmo em face da morte quando permitimos que a pessoa querida que parte continue a viver, a causar em nós sentimentos, a trazer lembranças que alegrem e confortam. Damos este sentido a vida quando permitimos que quem morra continue a viver. E possa dar à luz, uma outra forma de existir.

Doar órgãos não é, nem de longe, aceitar a morte. Nem tão pouco beneficiar outro com a morte de quem queremos bem vivo. Muito menos aceitar abreviar esta morte indesejada e sofrida para servir a outra pessoa. Nada mais longe da verdade... Doar órgãos é permitir que a humanidade não se entregue tranquila a esta noite suave; é, ao contrário, dar uma chance para que a luz não morra, e que a vida ressurgir num "sonho impossível" e brote do "impossível chão". Doar órgãos é permitir que a luz de quem morre renasça e continue a brilhar, ainda que em outra pessoa, mesmo distante de nós. No íntimo, saberemos sempre que se aquela vida valeu a pena, ela também soube encontrar, mesmo em sua morte, um outro sentido para continuar vivendo. É um ato de suprema generosidade e de grande humildade.

Com certeza, para a família que sofre, a ideia da doação de órgãos é revoltante. Como se o mundo não ligasse para aquela luta contra o morrer da luz,

como se não se importasse com a dor e o desespero vividos. No momento em que mais perdemos, surge alguém que parece querer ganhar com isto. É um sentimento natural, embora profundamente injustificado. Porque é menos triste quando quem falece pode continuar vivo nos filhos, nos amigos, nas saudades que despertará. É sinal que a morte, cruel que seja, não extinguirá a luz... Teimosia, a vida gera uma nova luz, um novo parto, uma nova vida. Este é o único sentido da doação: dar uma nova luz, a uma vida cuja luz está por apagar-se. Pouco importa que seja outra pessoa, outra vida. Como disse o poeta John Donne, nenhum homem é uma ilha, mas parte de um continente. "A morte de cada homem me diminui, porque eu estou envolvido com a humanidade. Portanto, não pergunte por quem os sinos doam, eles doam por você".

Alirio Dantas Jr.
(ME e Analista Didata da SPR)

¹ "Do not go gentle into that good night.
Rage, rage against the dying of the light."

² "No man is an island,
Entire of itself....
Each man's death diminishes me,
For I am involved in mankind.
Therefore, send not to know
For whom the bell tolls,
It tolls for thee."

Maria de Santiago Dantas Quental, a "Tote"



Elia Mello Helsinger

Maria de Santiago Dantas Quental, a conhecida como "Tote", fora do âmbito psicanalítico. Foi em um final de semana, na casa de campo de um primo meu, que na época era seu namorado. Gostei dela à primeira vista. Mulher bonita, fina, delicada como um "Biscuit" (minha mãe se refere a ela desta forma). Soube, então, que era psicanalista da SBPRJ. Rapidamente se estabeleceu uma conversa entre nós duas e passamos o final de semana falando das nossas instituições e do nosso ofício.

Sempre que nos encontrávamos em reuniões sociais, tinha a sensação de estar revendo uma grande amiga. Os anos passaram, o namoro com o meu primo chegou ao fim e ela mudou de instituição.

De longe, ia tendo notícias sobre a Tote. Participou da fundação da Rio III; um dia uma analisanda chega na sessão e fala: "Elia, entrou na minha aula de pintura com o professor Lena, uma psicanalista. O nome dela é Tote. Ela é tão delicada tão sensível!". Enquanto a

ouvia lembrava do meu primeiro encontro com a Tote e do mesmo sentimento que ela me despertou e agora escutava, através das palavras da minha analisanda. Ficamos muitos anos sem nos encontrarmos, mas de uma maneira ou de outra, eu ia tendo notícias dela.

Em outubro de 2003 fui convidada pelo presidente da ABP, Carlos Gari Faria, para fazer parte da sua Diretoria. Em janeiro de 2004, tivemos a nossa primeira reunião na sede da ABP. E qual foi a minha alegria quando me disseram que Maria Quental era a nova Superintendente. Quando ela chegou, manifestei o meu entusiasmo e percebi que o sentimento era recíproco. Como duas amigas que não se viam há muito tempo, começamos a colocar a conversa em dia (meu primo, seus pais, Rio III, etc.)

Nossa primeira viagem a trabalho foi para São Paulo. Eu gostava de ouvi-la, de olhá-la. Que mulher bonita, interessante! Conversamos muito sobre a sua atividade como artista plástica, paralelamente à diminuição de seu trabalho clínico. Estava muito feliz neste novo trajeto. Mas sua participação na Rio III continuava cada vez mais intensa. Sentia muito orgulho de estar lá. Engajada na ABP, vinha se dedicando à sua função com muita responsabilidade, empenho e claro, delicadeza!

A reunião seguinte foi em Campo Grande (MS). Chegando lá nos deparamos com um frio inesperado. Tanto ela quanto eu tínhamos levado roupas para um calor de 40° e assim, colocando uma rou-

pa em cima da outra fomos nos agasalhando e é claro que a receptividade dos colegas de lá ajudou a nos aquecer.

Durante a nossa reunião matinal, no intervalo, ela me disse: "Elia, quando terminar o nosso encontro quero te mostrar os bancos de onça que decoram o hotel. Eles são lindos !!!" E assim fizemos.

Perguntamos ao gerente do hotel onde poderíamos adquiri-los. Ele nos deu o endereço e, animadíssimas, fomos em busca do nosso objeto de desejo (confesso que o meu surgiu a partir dela). E qual a nossa frustração quando lá chegamos: a loja havia acabado de fechar. Tote não conseguiu esconder sua decepção. Ela queria muito aquele banco! Olhei para dentro da loja e vi que havia dois vendedores lá. Falei com ela: "Tote, vamos para a porta dos fundos da loja e quando alguém sair, vamos pedir para entrar". Imediatamente ela achou a ideia ótima e lá ficamos aguardando. Logo saiu uma moça e eu lhe disse: "Moça, somos cariocas, não voltaremos aqui tão cedo e minha amiga quer muito comprar um banco de onça". A vendedora hesitou, mas frente à nossa insistência, finalmente nos deixou entrar e como duas crianças exploramos aquela loja de artesanato, encantadas com tudo o que víamos. Tote comprou o seu banco de onça e eu comprei o meu. O dela seria colocado na varanda de sua casa e o meu no consultório.

No Encontro Preparatório para o Congresso Internacional, no Colégio Brasileiro de Cirurgi-

ões, nos encontramos, falamos da ABP, claro que também falamos dos nossos bancos e ela me disse que infelizmente não poderia ir à nossa próxima reunião porque coincidia com um casamento de um parente seu, mas ficou ali a certeza que na próxima reunião estaríamos juntas.

Na próxima reunião do Conselho Diretor, nosso presidente Gari nos comunica que Tote estava com Câncer, havia se submetido a uma cirurgia e estava indo para os Estados Unidos. De lá até o dia de sua morte ia acompanhando sua luta contra essa doença demoníaca.

É importante também dizer que toda a Diretoria decidiu por não substituí-la durante sua doença, aquele lugar era da Tote.

Até que no dia 3 de abril, domingo à noite, recebo um telefonema do Gari muito triste dizendo: "Tote morreu".

No dia seguinte, chego ao meu consultório, olho para o meu banco de onça e penso: "Só eu e Tote sabíamos o que este banco representava para a gente".

Na nossa última Assembléia de Delegados realizada em Recife no dia 16 de abril, Dr. Carlos Gari assim falou sobre ela: "Discreta, capaz, ficou pouco tempo conosco, Mas realmente era uma presença... por isso vocês podem entender como é difícil falar dessa ausência...".

Esse é e será a forma como sempre vou me lembrar dela: Discreta, capaz, delicada e linda!

ME da SPRJ



No dia 26 de fevereiro, na sede Vila Olímpia da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, realizou-se a I Reunião da Câmara de Representantes das Regionais da SBPSP. O assunto em pauta foi o funcionamento e planejamento das atividades da Sociedade. A possibilidade de comunicação interativa entre as Regionais via internet foi um dos destaques. A Comissão de Tecnologia e Informática deu suporte para transmis-

são, recepção de informações científicas em qualquer ponto do país.

A SBPSP também discutiu o desenho apresentado na pesquisa sobre o perfil da Clínica Psicanalítica na Sociedade. A pesquisa também abrange os estados do Paraná e Minas Gerais, além de outros profissionais de variados estados da federação. O senso foi inspirado na pesquisa realizada pela ABP em 1998, com o título: "Perfil da Clínica Psicanalítica Brasileira".



A comissão organizadora da comemoração do aniversário de 50 anos da SPRJ promete realizar programação especial para a data. A intenção é elaborar atividades que permitam a participação de todos os membros da Sociedade relembrando a história e trajetória dos profissionais e estudiosos que formaram a SPRJ.

Entre os programas científicos e sociais planejados, mesas-redondas sobre

os temas "A técnica psicanalítica ontem e hoje" com coquetel na sede da SPRJ e "Jornada Científica" com jantar dançante no Restaurante Sol e Mar, acontecerão, respectivamente, nos dias 30 de setembro e 1º de outubro. Ainda como parte das homenagens, a revista Psicanalítica deste ano terá artigos e entrevistas dedicados à comemoração do jubileu de ouro da Sociedade.

Núcleo Psicanalítico de Goiânia

A primeira reunião administrativa do ano do Núcleo Psicanalítico de Goiânia, ocorrida no dia 12 de fevereiro, abordou temas gerais com alerta à comissão científica para a programação do ano. A Jornada do Núcleo Psicanalítico de Goiânia, que ocorrerá na última semana de agosto, recebeu ênfase especial além das atividades científicas e culturais que acontecerão no decorrer do ano.

A reunião encerrou-se com a apresentação da palestra "Disfunção da Integração Sensorial" pela psicóloga Fernanda Barros. Os membros presentes demonstraram grande interesse no tema e um novo encontro foi solicitado à apresentadora.

Em 19 de fevereiro, o NPG iniciou uma série de encontros programados com a analista didata da SPRPSP Suad Haddad de

Andrade. A psicanalista falou sobre o tema "Natureza em Função da Fantasia" após a apresentação feita por duas colegas de casos clínicos ilustrativos sobre o assunto. No segundo encontro, em 12 de março, Suad comandou discussão sobre o livro de Hanna Segal: "Sonho, Fantasia e Arte".

A Segunda reunião administrativa (19/03), concluiu a programação científica e cultural do ano. Coordenada por Álvaro Veloso, na ocasião ficou decidido que a jornada terá como tema central o "Poder e Violência". A participação da comunidade será na noite da sexta-feira na conferência de abertura. Álvaro Veloso substituiu na coordenação do NPG, Zina Saad, que comunicou seu afastamento durante o primeiro semestre deste ano.

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

Dentre as atividades organizadas nos meses de janeiro e fevereiro tiveram des-

taque a aula inaugural do Instituto de Psicanálise da SBPRP com o título: Klein e Bion

por eles mesmos, proferida pelo dr. Paulo César Sandler, membro efetivo da SBPSP e o sucesso da II Jornada Psicanálise no Divã: pensando e sentindo o psicanalista em sua função, que contou com uma videoconferência diretamente da Itália com o dr. Antonino Ferro. Foram convidados os colegas Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho (SBPSP), Clarisvaldo Rapeli (SBPRJ/SBPSP), Silvana Maria Bonini Vassimon de Figueiredo (SBPRP/SBPSP) e Mércia Maranhão Fagundes (SBPRP e SBPSP) para levantarem questões para o debate junto ao dr. Ferro. A colega Marta Petriciani (SBPSP) fez a tradução simultânea e debateu com o público presente os temas trazidos pelo psicanalista italiano. Também

participaram da mesa debatedora os colegas José Cesário Francisco Jr. (SBPRP/SBPSP), Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro (SBPRP/SBPSP) e o candidato Mário Luiz Prudente Corrêa (SBPSP).

O Instituto de Psicanálise iniciou a seleção para a V Turma de Candidatos com 17 pretendentes. A diretoria considera o número reflexo da confiança que a Sociedade e o Instituto estão conquistando na cidade de Ribeirão Preto e região.

Os preparativos para a organização da III Jornada Psicanálise no Divã, no início do segundo semestre, estão a todo vapor. O tema do encontro será Donald Meltzer, que completará um ano de falecimento em agosto.



Inicia-se, em 2005, mais uma gestão no Núcleo de Psicanálise de Marília e Região. O presidente anterior José Antonio Pavan passou o cargo para Cibele M. M. Baptista Brandão que compôs o novo conselho diretor com: 1º secretária: Maria Auxiliadora T. G. Ribeiro; 2º secretária: Carla Maria Brás Bittencourt; 1ª tesoureira: Celina Araújo

levar conhecimento e melhorias na qualidade de vida.

O NPMR, através de sua Comissão Científica, iniciou suas atividades no dia 26 de fevereiro. Com a presença de 42 pessoas, o encontro "As peculiaridades e dificuldades da clínica psicanalítica hoje" no Seminário Clínico I e II teve exibição do filme: "Simplesmente



Alunos e professores da primeira turma do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica

Melo; 2º tesoureira: Guilherme Alencar Lacombe.

O objetivo da diretoria é incentivar o Núcleo na sua vocação de propiciar aos seus componentes um local de convivência frutífera para a aquisição e transmissão dos conhecimentos da Psicanálise. Continuando a ser um pólo estimulante do desenvolvimento de habilidades da prática psicanalítica, as atividades propostas vão de ensino a psicoterapeutas, até o contato com a comunidade de tal forma que possa

Martha" e ao fim os comentários de Suad Haddad de Andrade (SBPRP e SBPSP).

O Serviço de Orientação e Encaminhamento (S.O.E) faz parte da prestação de serviços à comunidade promovida pelo NPMR. A população tem acesso a psicoterapia psicanalítica com baixos preços e também oferece oportunidade aos psicólogos um treinamento profissional com supervisão dos membros do Núcleo. "A procura tem sido satisfatória. Um instrumento útil aos alunos do Curso de Especialização

em Psicoterapia Psicanalítica promovido pelo Núcleo de Psicanálise de Marília, em parceria com a UNIVEM".

A Comissão Regional de Integração tem como principal meta viabilizar o fortalecimento do trabalho científico, cultural e psicanalítico de nossa região (a cidade de Marília e mais 11 no interior), através de um intercâmbio entre seus membros e de uma representatividade bilateral com a Associação Brasileira de Psicanálise.

Em Tupã, as colegas Maria Aparecida e Ângela Maria J. de Castro Rocha candidatas do Instituto da SBPSP estão desde o segundo semestre de 2004 oferecendo grupos de estudos para profissionais da cidade. Em Assis, os candidatos José Antonio Sanches de Castro e Cacilda G. P. Vilas Boas junto com os psicanalistas José Antonio Pavan e Alceu Roberto Casseb fazem o mesmo na região com o uso do curso temático "A Função Analítica".



Reiniciou-se em março, em parceria com a Casa de Cultura Mário Quintana (da Secretaria de Cultura do RGS), o "Cinema, Literatura e Psicanálise". Trata-se de atividade que ocorre no terceiro sábado de cada mês, às 9h30 da manhã, na sala de cinema da Casa de Cultura. O interesse do público é crescente e o evento tornou-se excelente oportunidade de contato com a comunidade e divulgação da Psicanálise.

Em colaboração com a Câmara do Livro de Porto Alegre, está sendo planejado evento comemorativo ao centenário do nascimento de Érico Veríssimo. Literatos e psicanalistas discutirão a obra desse escritor gaúcho.

Vários grupos de estudos coordenados por membros efetivos e associados da SPPA promovem a educação continuada

dos associados e também oferecem oportunidade a estudantes universitários interessados em travar conhecimento com a teoria psicanalítica.

O Núcleo de Psicanálise da Infância e Adolescência realizou, de 19 a 21 de maio, a 7ª edição do tradicional Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência da SPPA. Esta edição do evento contou com a parceria da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (AP de BA) e teve como tema "Focos de Ansiedade no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente".

O dr. José Carlos Calich substituiu o dr. Luiz Carlos Mabilde como coordenador representante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, junto às atividades do Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina e do Centro de Estudos Psicodinâmicos de Santa Catarina.



Núcleo Psicanalítico de Aracaju

O NPA iniciou as atividades da primeira turma de Formação Psicanalítica em Aracaju, sob a responsabilidade do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife. A Aula inaugural, ocorrida no dia 08 de abril, foi proferida pelo Dr. Alirio Dantas Jr. (SPR) com o tema "A Psicanálise Face ao Homem Contemporâneo". Estiveram ainda presentes os drs. Adalberto Goulart (SPR/Presidente do NPA), Fernando Santana (SPR/NPA), Carlos Vieira (SPB/NPA) e Stela Santana (SPR/NPA). Foi uma conferência aberta, onde outros interessados puderam participar, além dos doze novos candidatos: Aldo Christiano, Angélica Herminia Serôa, Bráulio Costa Neto, José Lara, Maria Lúcia Cavalcanti Filha, Márcia Barros de Oliveira, Marisilda Nascimento,

Marta Hagenbeck, Petruska Passos, Sheila Bastos, Valéria Coelho e Vanda Pimenta. No dia seguinte tiveram início os seminários teóricos sob a coordenação dos drs. Fernando Santana e Carlos Vieira.

Os alunos do II Curso de Psicoterapia Psicanalítica estão encerrando seus seminários teóricos com textos de André Green. Deverão concluir ainda uma série de supervisões individuais e seminários clínicos, além da apresentação de monografias. O Curso de Introdução ao Pensamento Psicanalítico, voltado para iniciantes, encerrou as atividades da sua primeira turma de alunos. Inscrições para novos cursos já estão abertas.

Os Seminários Clínicos de Bion é o curso oferecido pelo dr. Carlos Vieira para



Sentados: Carlos Vieira, Fernando Santana, Adalberto Goulart, Stela Santana e Alirio Dantas Jr.. Em pé: Sheila Bastos, Marta Hagenbeck, Márcia Barros, Aldo Christiano, Petruska Passos, Vanda Pimenta, Lúcia Cavalcanti, Valéria Coelho, Angélica Serôa e Bráulio Neto.

médicos e psicólogos, com encontros mensais na sede do NPA.

Além disso, o Projeto Psicanálise & Cinema, reiniciou as atividades do ano com o filme "Jornada da Alma" (França, 2003), do diretor Roberto Faenza. O filme trata da história de Sabina Spielrein, histórica, que quando adolescente foi tratada pelo dr. Carl Gustav Jung (que pela primeira vez aplica

as teorias de Freud) e por ele se apaixonou.

O NPA, cumprindo com sua responsabilidade social, mantém a CPSI – Clínica Psicossocial, que oferece atendimentos em psicoterapia e psicanálise à população de baixo poder aquisitivo, e está atualmente firmando convênios com escolas, universidades e ONGs.

www.npsaju.org.br



O congresso da IPSO, que acontecerá pela primeira vez no Brasil, terá sede no Rio de Janeiro.

Além das atividades científicas, como supervisões entre regiões, pares, apresentação de trabalhos, o pré-congresso, distribuição do jornal e outros durante a IPSO oferece um almoço gratuito no dia do pré-congresso e um jantar com típicas comidas brasileiras seguido de grande festa.

O valor habitualmente cobrado para todas as festas em congressos internacionais é de US\$50 dólares.

Para os participantes brasileiros, o valor será de R\$ 90,00 antecipado. O número de convites neste preço é limitado. Os interessados devem entrar em contato com Gabriela Pszczol (gabriela@pszczol.com). No congresso, o valor será mesmo de US\$50 dólares. Os organizadores pedem aos participantes a confirmação dos nomes para o pré-congresso no dia 27/07 no e-mail: smuszkat@terra.com.br. Outras informações sobre acomodações no Rio de Janeiro: <http://www.ipso-candidates.org/>



Os membros e candidatos da SPR estiveram bastante envolvidos com a realização do Evento Preparatório do 44º Congresso Internacional da IPA que aconteceu em Recife de 14 a 16 de abril, cujo tema foi

"Trauma – Diferentes Sentidos e Abordagens em Psicanálise". A capital de Pernambuco foi uma das quatro cidades escolhidas na América Latina a sediar o evento. Muitos analistas da SPR e núcleos

afiliados apresentaram trabalhos nas mesas redondas, dedicando-se ao estudo e ao debate do tema, demonstrando o interesse de uma participação efetiva no Congresso Internacional que ocorrerá em julho no Rio de Janeiro.

A SPR patricina quatro núcleos de formação em cidades importantes da região, com isso cumpre a função primordial de difundir o pensamento psicanalítico, expandi-la de forma democrática através de uma política descentralizadora própria da história da sociedade. Os núcleos patrocinados têm autonomia para administrar os programas de formação previamente aprovados pelo Instituto, convidando os professores, inclusive fora dos quadros da SPR, estimulando a realização de Jornadas psicanalíticas como vem ocorrendo continuamente em Aracaju, Maceió, Fortaleza e Natal. Aracaju começou sua primeira turma de formação, Maceió encontra-se em processo de seleção de candidatos, Fortaleza está concluindo a formação da primeira turma de analistas e inicia preparativos para uma nova turma. Natal está em plena realização dos seminários. A formação da quarta turma de candidatos da SPR já está no fim e uma quinta já foi iniciada, demonstrando

o empenho e maturidade da instituição em contribuir para a formação de novos analistas e colaborar com a difusão e o desenvolvimento da psicanálise.

Recentemente a sociedade passou por um momento delicado do ponto de vista institucional porque o processo eleitoral democrático que permite a alternância de diretorias não pode se cumprir plenamente pela falta de chapas concorrentes. A Sociedade e seus membros demonstraram maturidade e responsabilidade Institucionais, aplicando os seus estatutos, convocando uma assembléia geral permanente que se ocupou de dar continuidade às atividades da SPR que não sofreram qualquer interrupção ou prejuízo. Foram nomeados comissões, comitês e grupos de trabalho que se encarregaram das diferentes tarefas que se apresentavam. Simultaneamente, a assembléia, sob a liderança do seu presidente Antônio Carlos Escobar, estimulou, idealizou e conduziu diversas reuniões até ser encontrada uma solução satisfatória e definitiva com a indicação de uma chapa representativa da pluralidade dos membros dessa Sociedade e das tendências existentes, conseguindo alcançar a quase unanimidade de apoio de seus membros.



Núcleo Psicanalítico de Maceió

Durante os dias 2, 3 e 4 de junho, aconteceu a VII Jornada do Núcleo Psicanalítico de Maceió que foi realizado no Hotel Ponta Verde. Com o tema "Violência e Poder: Ressonâncias na Sociedade Contemporânea", o primeiro dia teve abertura com o presidente da ABP, dr. Carlos Gari Faria (RS) e com a presidente do NPM, dra. Maria Rocha de Mendonça.

No dia 3, os psicanalistas Cláudio Rossi (SP) e Mário Alves Baptista fizeram conferência sobre "Violência e o impacto na construção da mente" sob a coordenação de Conceição Aciole (AL). O tema "O efêmero e o banal como defesa na vida psíquica" será abordado pelo dr. Pedro Gomes (RJ), sob coordenação da dra. Crisales Rezende (AL). "A função materna e paterna em nossos dias" é o tema da palestra dos drs. Adalberto An-

tônio Goulart (SE) e Conceição Aciole (AL) sob a coordenação de Eduardo Afonso Júnior (RN). Para fechar o segundo dia, o publicitário Almir Guilhermino (AL) proferiu palestra com tema "Ressonâncias do Virtual e da Mídia na Construção dos Vínculos sob a coordenação de Carlos Alberto Fonseca (AL).

No último dia, aconteceu o seminário clínico e a apresentação dos temas livres. Antes do encerramento, que foi realizado pela coordenadora Vera Lúcia Barbosa (AL), os psicanalistas puderam participar da "Sessão Papo, Pipoca e Refrigerante: Filme Cazuza" comandada pela psicopedagoga Vera Lúcia Tenório Ribeiro Fernandes (AL) e coordenada por Rosinete Maria de Mendonça Melo (AL).

Agenda Científica 2005

JUNHO

VII Jornada do Núcleo Psicanalítico de Maceió

2 a 4 de junho

Maceió/AL

www.npm.com.br

Wilfred Bion Today

Friday 10 to Sunday 12 June
London, England

<http://www.psychol.ucl.ac.uk/psychoanalysis/bion.htm>

JULHO

IX Congreso Peruano de Psicoanálisis

Psicoanálisis: Proceso y Transformación

15, 16 y 17 de Julio

Lima – Peru

Sociedad Peruana de

Psicoanálisis

spsico@infonegocio.net.pe

6th International Neuro-Psychoanalysis Congress Dreams and psychosis

24 a 27/07

Rio de Janeiro - RJ

XVIII Congresso - IPSO "Trauma: Novos Desenvol- vimentos em Psicanálise"

27 a 31/07

Rio de Janeiro – RJ

www.ipso-candidates.org

44th International Psychoanalytical Association Congress

"Trauma: Novos Desenvol-
vimentos em Psicanálise"

28 a 31 de julho

Rio de Janeiro – RJ

www.ipa.org.uk

SETEMBRO

VI Jornada de Psicanálise de Aracaju

V Encontro de Psicanálise da
Criança e do Adolescente
Sofrimento psíquico e con-

temporâneo

22 a 24 de setembro

Aracaju/SE

Núcleo Psicanalítico de
Aracaju

psicanalise.aju@uol.com.br

NOVEMBRO

XX Congresso Brasileiro de Psicanálise

11 a 14 de novembro

"Poder, sofrimento psíquico
e contemporaneidade".

Brasília, DF

Associação Brasileira de
Psicanálise

www.abp.org.br

Núcleo Psicanalítico de Florianópolis

Da nova diretoria do NPF fazem parte do Conselho Diretor: Gley S.P. Costa, Lores P. Meller e Adonay Genovese Filho. A Diretoria Administrativa é composta por Márcio J. Dal-Bó (presidente); Mayra D. Lorenzoni (secretária executiva); José Facundo P. de Oliveira (secretário científico) e José Ricardo P. de Abreu (tesoureiro).

As atividades científicas do Núcleo iniciaram em maio e irão até novembro. Em cada mês acontecerão dois seminários, um de teoria psicanalítica e um sobre temas que envolverão atendimento a adolescentes num total de 14 seminários que acontecerão no hotel Partenon.

Ainda durante este ano o Núcleo terá mais uma jornada em parceria com os

curso de medicina e psicologia da UNISUL de Tubarão, sobre o tema Transornos Alimentares. A jornada acontecerá em 17 de junho no campus da UNISUL em Tubarão/SC.

Também, através de parceria com o curso de medicina da Unisul-TB, a SBPdePA e a Fundação Universitária Mário Martins de Porto Alegre (FUMM), o NPF estará participando da criação de um ambulatório especializado em Doenças Afetivas e Transtornos Alimentares que funcionará na cidade de Tubarão/SC. Este é o primeiro passo no sentido do desenvolvimento de um núcleo de pesquisa que funcionará juntamente com a cadeira de psiquiatria do curso de medicina da UNISUL-TB, com a SBPdePA e a FUMM.

Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte

O NPBH está com dois eventos previstos além da conferência **"A ação terapêutica da psicanálise"** realizada no dia 7 de maio que teve o dr. Victor Manoel de Andrade como conferencista. No dia 4 de junho, o dr. João Coutinho de Moura fez a conferência **"Uma Reflexão sobre a**

Psicanálise Hoje". Já nos dias 21 e 22 de outubro, o auditório da fundação João Pinheiro será palco para o evento **"Psicanálise em Transformação com o tema "Adolescência"**. Promovido pelo NPBH, o dr. José Ottoni Outeiral proferirá a conferência de abertura.

Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

O NUPES está dando continuidade ao trabalho de Difusão da Psicanálise, e iniciando o curso **"FREUD: As bases da psicanálise e a Estruturação do Psiquismo Humano - O projeto e a interpretação dos sonhos"**, com a coordenação do dr. Oscar Paixão, da SBPRJ.

Seguem o grupo de estudos de Freud, com dra. Iara Borges e o grupo de estudos de Winnicott com dra. Nadia Franco. Também teve início o ciclo Psicanálise e Cinema, que debateu os filmes: **"Macbeth"** e **"Otelo"**, nas versões de Orson Welles, além de **"Freud Além da Alma"**.

Dr. Romualdo Romanowski é eleito membro honorário na Colômbia

A Associação Psicanalítica Colombiana elegeu, em Assembléia Geral Ordinária de 12 de fevereiro desse ano, o dr. Romualdo Romanowski como membro honorário daquela associação. Aura

Victoria Carrascal Marquez em carta enviada a Romualdo, agradeceu "a valiosa contribuição e apoio" dedicados. O psicanalista é membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Homenagem ao professor Walderedo Ismael de Oliveira

A Associação Brasileira de Psicanálise, através de seu presidente Carlos Gari Faria e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através do diretor do Institu-

to de Psiquiatria, Márcio Versiani, realizaram uma homenagem póstuma ao professor Walderedo Ismael de Oliveira, no Instituto de Psiquiatria da UFRJ em sessão do

Centro de Estudos, Anfiteatro Prof. Leme Lopes, no dia 18 de março, às 10h30. Os relatores da mesa de homenagem foram

Eustachio Portella Nunes, José Cândido Bastos, Roberto Martins, Theodor Lowenkron e Ícaro Pacheco de Oliveira.

Esclarecimento

O material referente a Notícias & Programação é enviado diretamente por cada federada (sociedades, grupos de estudos e núcleos), os quais mantêm, todos, um representante local, responsável pela comunicação com a Diretoria de Publicações e Divulgação da ABP.

Lamentavelmente, nesta edição, não recebemos as notícias da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, da

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, da Sociedade Psicanalítica de Pelotas, da Sociedade de Psicanálise de Brasília, da Associação Psicanalítica Rio 3, da Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro, do Grupo de Estudos Psicanalíticos do Mato Grosso do Sul, dos Núcleos Psicanalíticos de Curitiba, de Santa Catarina, de Campinas, de Fortaleza e de Natal.

ERRATA no Roster da ABP - 2005

ROSTER DOS CANDIDATOS APERJ - RIO 4

Denise Peixoto Diniz Junqueira
Rua Aníbal de Mendonça nº 123, apto 202, Ipanema,
22410-050 Rio de Janeiro, RJ
Tel Res.: 21 2259-4902
Email: denisejunqueira@infolink.com.br

22020-000 Rio de Janeiro, RJ
Tel Res.: 21 2541-5292
E-mails: lianekrieger@bol.com.br
andre@weavers.com.br

Flávia Feital de Figueiredo
Av. N.S. de Copacabana, 435/610 ,
Copacabana,
22020-002 Rio de Janeiro, RJ
Tel Res.: 21 2275-7408 / 2542-0854
Email: flaviaff@msn.com

Marilena de Menezes Cordeiro Afradique
Av. Nelson Cardoso, 1149/811, Taquara,
Jacarepaguá
22730-900 Rio de Janeiro, RJ
Tel Cons.: 21 2423-1100
Tel Res.: 21 2438-4131
E-mail: marilena@mandalanet.com.br

Flavio Gustavo Thamsten Filho
Av. Ernani do Amaral Peixoto, 96/604,
Centro, Niterói
24020-074 Rio de Janeiro, RJ
Tel/Fax Cons.: 2622-0497
Tel Res.: 2612 - 0337
E-mail: thamsten@ism.com.br

Paulo Jorge Dickstein
Av. Princesa Isabel, 150 / 1204,
Copacabana
22011-010 Rio de Janeiro, RJ
Tel Cons.: 21 2275-2647
Tel Res.: 21 2512-4611
E-mail: paulod@brflash.com.br

Ilana Rubin
Rua Santa Clara, 50/820, Copacabana,
22041-010 Rio de Janeiro, RJ
Tel Cons.: 21 2549-1622
Tel Res.: 21 2235-4637
Email: ilana Rubin@openlink.com.br

Tatiana Monteiro de Castro
Av. Prefeito Dulcídio Cardoso, 2848/
1711, Bloco 2, Barra da Tijuca
22631-900 Rio de Janeiro, RJ
Tel Res.: 21 2431-2591
Email: taticastro56@hotmail.com

Liane Maria Marques Krieger
Av. N.S. de Copacabana, 195 / 1312,
Copacabana

Psicanalistas do mundo inteiro se encontram no Rio para o 44º Congresso da IPA

Cláudio Laks Eizirik*



Cláudio Laks Eizirik

Desde 1908, quando foi realizado um encontro informal em Salzburg, a Associação Psicanalítica Internacional tem realizado seus congressos internacionais aproximadamente a cada dois anos, exceto durante as duas guerras mundiais. Nestes quase cem anos, 35 cidades sediaram os congressos, sendo 28 em países europeus, quatro na América do Norte, uma no Oriente Médio e duas na América Latina. Em julho deste ano, finalmente, teremos o primeiro congresso da IPA realizado no Brasil, fazendo-se assim justiça a uma das comunidades psicanalíticas internacionais que tem evidenciado maior crescimento qualitativo e quantitativo.

Se, por um lado, o 44º Congresso da IPA tem esse significado histórico, e representa mais uma etapa no lento processo de efetiva internacionalização de nossa Associação – algo pelo qual ainda há muito por fazer – por outro necessita ser reconhecido como o resultado da mobilização de sucessivas lideranças da ABP e de vários colegas brasileiros e

latino-americanos que tem participado, em várias posições, na estrutura administrativa da IPA.

A dois meses do Congresso, já contamos com cerca de 2000 inscritos, o que nos permite supor que teremos uma ampla oportunidade para trocas e ativa participação. A preparação de um Congresso dessa magnitude, com a responsabilidade de dar seqüência a uma tradição quase centenária e ao mesmo tempo agrupar as principais tendências atuais e dar espaço para desenvolvimentos teóricos, clínicos e de interface com outros saberes é uma tarefa complexa e desafiadora.

O amplo programa científico, que aborda as várias dimensões e alcances do tema oficial "Trauma: Novos Desenvolvimentos em Psicanálise", e abre espaços para inúmeros outras vertentes e vértices de nossa reflexão contemporânea, já pode ser visualizado no site da IPA (www.ipa.org.uk), onde também se tem idéia do atraente programa social e das atividades culturais. Para a realização desta tarefa, vários comitês estão em atividade há alguns anos, como o Comitê de Programa, coordenado por Robert Galatzer-Levy, do qual participa nosso colega Elias Mallet da Rocha Barros, o Comitê Local, coordenado por Sérgio Nick e o Comitê de Apoio Cultural, coordenado por Cláudio Rossi.

Como em todos os congressos internacionais de tal porte, cada participante tem a oportunidade de realizar o seu con-

gresso, elegendo entre as várias ofertas

latino-americanos - painéis, cursos, trabalhos, encontros com autores destacados, pesquisas, temas sobre a formação analítica (que ocorrerão um dia antes e durante o Congresso), a atividade dos vários comitês da IPA - aqueles que despertem seu interesse ou maior ressonância. Examinando o programa, desde já podemos constatar que os mais expressivos personagens da cena psicanalítica internacional estarão apresentando suas reflexões ou desenvolvimentos sobre o tema, assim como sobre temas correlatos, evidenciando a vitalidade e o caráter essencialmente questionador de nossa disciplina.

Como ocorre com muita frequência, uma das partes mais atraentes do Congresso se desenvolve nos corredores, nas conversas informais, nas trocas de experiências, nas novas amizades que se formam fora dos recintos formais. Embora a Comissão de Programa tenha tido êxito em incluir o maior espaço possível para essas trocas nas atividades do Congresso, certamente essas redes de convivência continuarão sendo tecidas, reforçadas ou criadas, no cenário privilegiado do Hotel Sofitel, do Forte de Copacabana e adjacências, onde a comunidade psicanalítica internacional reforçará laços e criará novas ligações. Como costumava dizer o primeiro presidente da ABP, Mario Martins, o conjunto de psicanalistas, pacientes e estudiosos da psicanálise, constituem uma imensa fundação internacional que se dedica ao desenvolvimento de nossa disciplina - e para a qual o Congresso do Rio certamente dará uma estimulante seqüência.

Ao mesmo tempo, teremos as reuniões administrativas regulares da IPA: a Assembléia Geral, as reuniões do Board de Representantes, e reuniões de todos os comitês da IPA. A partir de julho, uma nova administração - que terei a honra de presidir - assumirá suas funções, havendo igualmente a renovação do Board de Representantes, uma nova Secretária, Monica Siedmann de Armesto, e uma reestruturação dos diferentes comitês.

Tanto a psicanálise como a IPA enfrentam inúmeros desafios, que devem ser enfrentados com objetividade e num esforço conjunto. A partir de consultas com inúmeros colegas e representantes das principais instituições psicanalíticas, estão sendo estabelecidas as principais metas da nova administração, que deverão ser discutidas e aprovadas na primeira reunião do novo Board. Desde já, é possível destacar que atenção especial será dada ao estímulo de uma prática psicanalítica consistente e sua possibilidade de formulação conceitual, através de um programa científico contínuo e articulado com as sociedades e organismos regionais; à proteção de uma formação analítica qualificada, dentro dos diferentes modelos reconhecidos; ao maior contato da IPA com seus membros e instituições constituintes, através de uma presença mais efetiva nas necessidades e problemas locais e regionais; a um maior diálogo com a cultura, a ciência, a universidade e as necessidades de saúde mental de diferentes comunidades; aos aspectos profissionais da prática psicanalítica, dentro das especificidades nacionais e regionais; às publicações e às traduções que permitem reduzir desconhecimentos recíprocos; às diferentes formas de pesquisa psicanalítica; às relações com a psicoterapia e outras escolas psicanalíticas e ao desenvolvimento das diferentes áreas e sub-especialidades, bem como aos grupos de trabalho sobre temas relevantes de nossa inserção na realidade.

Com estas e as demais idéias que estão em germinação, esperamos fazer face às grandes questões do momento e contribuir para um cenário em que tanto a IPA quanto a psicanálise façam parte de uma sólida realidade. Tanto para sua presença ativa no Congresso do Rio, quanto para tomar parte nesta tarefa conjunta, deixo aqui meu cordial convite.

* ME da SPPA, Presidente Eleito da IPA.

A Arte de Viajar em resenha

Marisilda Nascimento*



Marisilda Nascimento

A *Arte de Viajar* é um livro de Alain de Botton, que é pesquisador, filósofo e professor da Universidade de Londres. Fui atraída, de início, pelo título sugestivo da obra, pois compartilho, com o autor, o gosto pelas viagens, inclusive literárias. No entanto, fiquei surpresa, ao lê-lo, pela maneira inusitada como o autor trata tema tão palpitante. O autor divide viajar em tópicos interessantes, que contemplam desde a partida, os motivos, as paisagens, a arte e o retorno; correlacionando com a idéia que diversos escritores e artistas tinham do que fosse viajar.

Ao lê-lo, percebo que o autor viaja também em considerações filosóficas e sinto-me estimulada a fazer reflexões psicanalíticas, empreendendo uma viagem também na compreensão do que nos motiva a fazer essa viagem tão turbulenta, misteriosa e apaixonante, que é a psicanálise.

Pensando na expectativa, no tempo que antecede qualquer viagem, não podemos deixar de considerar, o que nos motiva a escolher tal destino, e o autor nos ajuda quando diz que "eles expressam uma compreensão de como poderia ser a vida, fora das relações do trabalho e da luta pela sobrevivência", ou seja: viajar para ir em busca do diferente, do que não temos ou do que não estamos vivendo. As expectativas são grandes, mas frequentemente nos deparamos com a realidade e podemos nos decepcionar, mas como diz o autor: "seria mais verdadeiro e satisfatório sugerir que é essencialmente diferente". A expectativa de viajar reflete desejo e imaginação que são confrontados com a realidade. Então por quê a realidade seria decepcionante? O autor explica que a imaginação artística e a expectativa omitem e comprimem, elas eliminam os períodos de tédio e direcionam nos-

sa atenção para os momentos críticos, quando na realidade nos deparamos com a "confusão indistinta do diferente", nem sempre coerente.

As expectativas para o analisando que sofre e busca ajuda são muitas, e a idealização de alívio, resolução e felicidade, são confrontadas com a realidade do setting, onde esse tempo não pode ser comprimido, tem que ser vivido, pensado. Os incômodos e a turbulência da viagem psicanalítica não podem ser omitidos. Não podemos nos esquecer de nós mesmos nessa viagem. Portanto como conclui o autor, o melhor aspecto das viagens: a expectativa.

Entretanto muitos viajantes para não sofrerem a decepção com a realidade da experiência concreta tentam, então, substituir a vivência da experiência pela imaginação e podem retrucar que não há viagem melhor do que as despertadas na imaginação. Num contraponto com a psicanálise, ler, saber e imaginar sobre esse tema, não

possibilita o contato com emoções e idéias de importância para nós, longe do cotidiano, somos devolvidos a nós mesmos.

Pensando nos motivos da viagem e na valorização de elementos estrangeiros, o livro nos conta que não só por serem novos, mas esses elementos estrangeiros parecem que se harmonizam com nossa identidade. "O que consideramos exótico no estrangeiro pode ser aquilo por que ansiamos em vão em nosso próprio país", ou seja, muitas vezes, nossa identidade demonstra pouca afinidade com a vida que levamos, daí que viajar suscita a possibilidade de mudar, de ir de encontro ao verdadeiro e esse desejo mobiliza a necessidade de compreender. Num paralelo com a psicanálise, quando o analisando embarca na viagem análise espera encontrar no analista/guia qualidades que lhe faltam, valores inexistentes em sua própria vida/cultura.

Nos diz o autor ao filosofar sobre como Nietzsche viajava, que as nossas descobertas e o nosso aprendizado teriam que ser justificados em nosso próprio interesse, "enriquecedores da vida". Assim é a viagem psicanalítica, o seu objetivo é o autoconhecimento, a compreensão de nossa identidade, o que possibilita uma vivência de continuidade e de integração. Citando Alain de Botton "somente através de uma lenta evolução de curiosidade, é que o viajante pode acolher as vastas informações sem entediá-lo ou entrar em desespero".

O livro nos fala dos benefícios das viagens que nos levam ao encontro com a natureza. E pensei que retornar e desfrutar do essencial, estar despojado dos adereços de defesa, o quanto pode ser libertador, e que, na análise, com a experiência emocional compartilhada, podemos estimu-

lar nossa generosidade e sensibilidade. Quando leio na "arte de viajar" que "a infelicidade deriva de só se ter uma única perspectiva com a qual se trabalhar", associo com os diversos vértices que a psicanálise nos possibilita ao desenvolver nossa capacidade de pensar. "Não só escutar as palavras e os sons, mas também a música". (Bion)

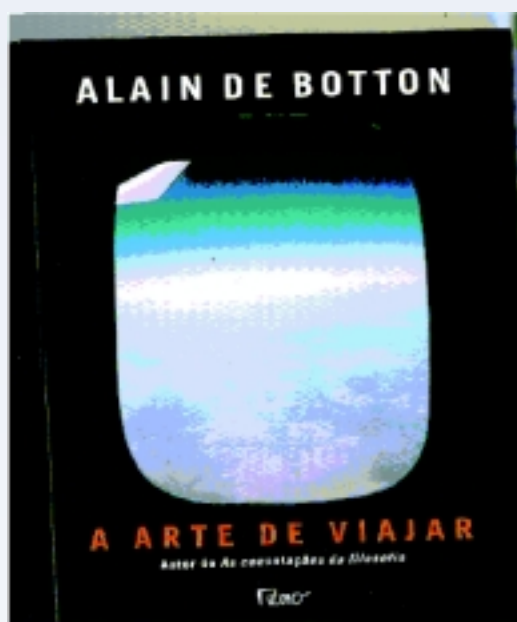
Quando o autor fala de viajar sob a perspectiva do poeta Wordsworth, me chama a atenção o que este poeta chama de "pontos no tempo" (cenários da natureza que permanecem vivas e que quando conscientes nos proporcionam alívio, força e estímulo). Pensei que a psicanálise ocasiona esses pontos no tempo, e podemos resgatá-los, dentro de nós, quando nos percebermos em dificuldade.

A arte de viajar trata também do que o autor entende como o "sublime" nas viagens, principalmente como a força da natureza desperta nossa fraqueza pela sugestão de poder nas suas paisagens. "O sublime está associado a um poder maior que o dos homens e que lhes fosse ameaçador". Freud, como nos fala seu biógrafo Ernest Jones também era um viajante incansável, que admirava o sublime na natureza e que poucos prazeres eram para ele tão satisfatórios quanto a apreciação de belas paisagens e a visão de novas partes do mundo. Penso que a psicanálise compartilha também da idéia do autor quando ele nos diz que locais sublimes repetem, em termos majestosos, uma lição que a vida diária comum nos ensina com crueldade: "que o universo é mais poderoso do que nós, que somos frágeis e efêmeros". Poderíamos então pensar que nos afastaríamos desses locais arrasados e enfraquecidos, mas pelo contrário, saímos mais inspirados, menos onipotentes e mais conscientes das nossas limitações. Viagens a lugares sublimes simbolicamente consistem em suportarmos as dificuldades que não conseguimos superar, os acontecimentos que não podemos controlar e a realidade de que os eventos ocorrem como podem acontecer. Ora! Parece que o mundo é injusto e que foge à nossa compreensão. Na idéia do autor, os lugares sublimes sugerem não ser surpreendente que isso ocorra.

Outro tópico interessante do livro diz respeito à correlação das viagens com a arte, e do quanto a arte pode ser esclarecedora. Quando vivenciamos junto com a observação, nossa compreensão é ampliada. A arte nos permite perceber aspectos do mundo com mais clareza, e penso que, na viagem psicanalítica, a arte e sua expressão nos conduz a uma proximidade com o intuitivo, o criativo e o sonho. A realidade que o artista realça nas suas obras nos permite reconhecer as características valiosas de sua visão de mundo. Penso que, com a psicanálise, adquirimos qualidades de artistas, quando saímos da observação para a compreensão, extraindo "algum sentido da dor e vislumbrando as pontes de beleza", de que fala o autor.

Proponho, então, com essa resenha que em vez de turistas sejamos viajantes e a diferença está, juntamente em não nos apressarmos, em sermos receptivos ao novo, essa é a disposição mental do viajante: querer conhecer!

* Candidata do Núcleo Psicanalítico de Aracaju



"A Arte de Viajar" de Alain de Botton, Ed. Rocco, 272 pg.

nos prepara para a experiência viva, rica que é vivenciada no vínculo analítico. De acordo com o pensamento de Bion, não nos ajuda uma viagem intelectual, mas sim, uma viagem de experiências emocionais, que nos permite mais do que saber, vir a ser.

O autor considera também o destino escolhido, muitas vezes esse não é o ponto principal, mas o desejo de ir embora, de partir, decolar num avião e assim imaginar que podemos "nos erguer acima de grande parte do que se agiganta ameaçador sobre nós". Penso que o melhor da psicanálise, não é o destino, mas sim as possibilidades de roteiro, de novos trajetos, de amplas perspectivas. Na arte de viajar o autor nos diz: "as viagens são parteiras do pensamento", no sentido de que viajar